



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
TECNOLÓGICA  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**PEDRO GERALDO DE SOUSA FILHO**

**A ESCOLA NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

**SANTARÉM - PA  
2024**

**PEDRO GERALDO DE SOUSA FILHO**

**A ESCOLA NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS, da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira.

**SANTARÉM - PA  
2024**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

S725e Sousa Filho, Pedro Geraldo de  
A escola no combate ao preconceito linguístico./ Pedro Geraldo de Sousa Filho. –  
Santarém, 2024.  
100 p. : il.  
Inclui bibliografias.

Orientadora: Ediene Pena Ferreira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Mestrado Profissional em Letras.

1. Sociolinguística. 2. Preconceito Linguístico. 3. Escola. 4. Rodas de conversa. 5. Inclusão. I. Ferreira, Ediene Pena, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 306.44



Universidade Federal do Oeste do Pará  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

**ATA Nº 55**

Aos dezesseis dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, por meio de videoconferência Google Meet, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos professores: Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira (orientadora e presidente), Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto (membro externo) e Prof. Dr. Robertodo Nascimento Paiva (membro interno) a fim de arguirem o mestrando PEDRO GERALDO DE SOUSA FILHO, com a dissertação intitulada "A ESCOLA NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO". Aberta a sessão pela presidente, coube ao candidato, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, o candidato respondeu e, após as deliberações na sessão secreta, foi:

(X) Aprovado, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.

( ) Reprovado.

Documento assinado digitalmente  
 LUÍZ PERCIVAL LEME BRITTO  
Data: 03/07/2024 14:23:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Dr. LUÍZ PERCIVAL LEME BRITTO, UFOPA**  
Examinador Externo ao programa

Documento assinado digitalmente  
 ROBERTO DO NASCIMENTO PAIVA  
Data: 16/05/2024 11:14:09-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Dr. ROBERTO DO NASCIMENTO PAIVA, UFOPA**  
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente  
 EDIENE PENA FERREIRA  
Data: 16/05/2024 08:42:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Dra. EDIENE PENA FERREIRA, UFOPA**  
Presidente

Documento assinado digitalmente  
 PEDRO GERALDO DE SOUSA FILHO  
Data: 16/05/2024 14:04:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**PEDRO GERALDO DE SOUSA FILHO**  
Mestrando

Com carinho dedico aos:  
Meus pais: Sidenil Ferreira de Brito;  
Mãe Rilza Maria Acácio (*In memoriam*)  
Filhos: Michael, Pyetra e Giovanna  
Aos amantes da Língua Portuguesa.

## **AGRADECIMENTO**

Sou grato a Deus, por me conduzir com sabedoria nos caminhos do conhecimento e me conceder a graça da conquista de um nível stricto sensu.

À Universidade Federal do Oeste do Pará - Ufopa, por contribuir com ensino de qualidade a milhares de cidadãos paraenses e não paraenses.

Agradeço a todos os professores que lecionaram no ProfLetras da Universidade Federal do Oeste do Pará - Ufopa, pela partilha de conhecimentos e por toda contribuição com a minha formação profissional.

Em especial agradeço a professora Doutora Ediene Pena Ferreira, pelas orientações precisas, pelo profissionalismo correto e pelo altruísmo.

Com carinho agradeço os professores doutores Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto e Prof. Dr. Roberto do Nascimento Paiva por aceitarem participar da banca examinadora, desse mestrado e por suas intervenções que contribuíram para engrandecer qualitativamente a produção final do trabalho escrito.

Ao Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (GELOPA), lugar de muita leitura e reflexões.

Aos colegas da turma ProfLetras Joel e Antônio, pela ajuda e pelo incentivo durante o tempo em que estivemos caminhando juntos na coprodução de conhecimentos e partilha.

Aos meus pais, Sidenil Ferreira de Brito que está sempre ao meu lado e in memoriam minha mãe Rilza Maria Acácio que com amor e dedicação sempre honrou nossa família.

Aos meus irmãos, Rildy, Sidenilson e Roberto que sempre acreditaram e torceram por mim.

Também sou grato a minha parceira, Samara Pessoa e ao meu cunhado Adalberto Queiroz pelas palavras amigas e apoio incondicional.

As minhas primas Sônia Acácio e Singles Acácio, pelas recepções e apoio incondicional ao meu estudo, minha gratidão.

Aos meus amigos Francisco F. de Sales, Édio Wilson Soares da Silva e Francisco Menezes, pelo apoio, incentivo e companheirismo profissional na educação e amigos pessoais.

– Seria muito mais interessante se, em sala de aula, a gente pudesse explicar as coisas assim – comenta Vera. – Chamar a atenção dos alunos para a complexidade dos fenômenos da língua, em vez de ter um ataque histérico sempre que algum deles diz “para mim fazer” ... (BAGNO, 2006, p. 187).

## RESUMO

A dissertação ora apresentada tem por objetivo investigar a presença do preconceito linguístico no contexto escolar, e, por meio de ações interventivas, propiciar aos alunos reflexão sobre a temática. Buscou-se compreender como essas formas de discriminação se manifestam e interagem nos contextos educacionais e estratégias para combatê-las. Utilizou-se metodologia exploratória-descritiva e participativa, com revisão de literatura sobre o tema. O local da execução da pesquisa aconteceu em uma escola da rede municipal do município de Altamira/PA, funcionando sob regime militar, no ano letivo de 2023. A intervenção foi feita por meio de aplicação de dois questionários de igual teor aos alunos, sendo um formulário aplicado antes do projeto de intervenção, outro após, com intuito de percebermos a evolução do entendimento sobre a manifestação do preconceito linguístico dos atores envolvidos na pesquisa. O momento ímpar da pesquisa foi a realização de Rodas de Conversa, ocasião que discutimos leituras voltadas ao tema, ouvimos relatos emocionante e preocupante quanto as abordagens a maneira de se expressar do outro, sobretudo no ambiente educacional. Os resultados indicaram a presença de preconceito linguístico na escola, notado pelos alunos em relação à fala dos colegas. O trabalho de intervenção auxiliou os discentes à compreensão do fenômeno preconceito linguístico, e à reflexão crítica com maior sensibilização à inclusão, reflexo das atividades realizadas no decorrer da pesquisa. Este trabalho frisa a importância da diversidade de vozes na educação e sugere investigações futuras para doutorado.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Preconceito Linguístico. Escola. Rodas de Conversa. Inclusão.

## **ABSTRACT**

The dissertation presented herein aims to investigate the presence of linguistic prejudice in the school context, and, through interventional actions, foster reflection on the theme among students. The study sought to understand how these forms of discrimination manifest and interact in educational settings and strategies to combat them. An exploratory-descriptive and participatory methodology was employed, with a literature review on the subject. The research was conducted at a municipal school in Altamira/PA, operating under a military regime, during the 2023 school year. The intervention was carried out through the application of two questionnaires of the same content to the students, one form applied before the intervention project and another afterward, with the aim of observing the evolution of the understanding concerning the manifestation of linguistic prejudice by the actors involved in the research. A unique moment of the research was the execution of Conversation Circles, an occasion where we discussed readings related to the theme, listened to emotional and concerning accounts about the approaches to expressing oneself, especially in the educational environment. The results indicated the presence of linguistic prejudice at the school, noted by the students in relation to their peers' speech. The intervention work helped the students to understand the phenomenon of linguistic prejudice, and to critically reflect with greater sensitivity to inclusion, a reflection of the activities carried out during the research. This work emphasizes the importance of diversity of voices in education and suggests further investigations for doctoral research.

**Keywords:** Sociolinguistics. Linguistic Prejudice. School. Discussion Circles. Inclusion.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fragmento de uma redação feita por uma aluna participante da pesquisa .....	73
Figura 2 – Fragmento de uma redação feita por uma aluna participante da pesquisa .....	74
Figura 3- Fragmento de uma redação feita por uma aluna participante da pesquisa	76
Figura 4 - Fragmento de uma redação feita por uma aluna participante da pesquisa .....	78

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gêneros e faixa etária dos alunos consultados .....	59
Gráfico 2 – Respostas dos alunos consultados sobre suas relações em língua portuguesa.....	60
Gráfico 3 - Você já sofreu algum tipo de preconceito por ter falado algo considerado “errado” por alguém? .....	62
Gráfico 4 – Resultados da questão 3 dos alunos pesquisados .....	64
Gráfico 5 - Respostas dos estudantes pesquisados – Impressões durante a avaliação da sua expressão oral.....	66
Gráfico 6 - Resultado obtido na questão 5 a partir das respostas dos alunos consultados.....	68
Gráfico 7 - Resultado obtido na questão 6 a partir das respostas dos alunos consultados.....	69

## LISTA DE QUADRO

Quadro 1- Resultado obtido na questão 10 a partir das respostas dos alunos consultados.....	79
Quadro 2 – Resultado obtido na questão 11 a partir das respostas dos alunos consultados.....	80

## LISTA DE TABELA

Tabela 1– Definição de preconceito pelos alunos consultados .....	71
Tabela 2– Tipos de preconceitos que alunos consultados conhecem .....	75
Tabela 3– Opiniões dos alunos sobre o desrespeito com o modo de falar dos alunos na escola é considerado preconceito e isso afeta o desenvolvimento em sala de aula?" .....	77

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 LÍNGUA, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Breve contextualização histórica da língua na perspectiva sociolinguística .....</b>	<b>16</b>
2.1.1 Variação linguística: alguns apontamentos sobre a Sociolinguística Variacionista .....	19
2.1.2 Preconceito linguístico: alguns apontamentos .....	21
<b>2.2 O preconceito linguístico em Língua Portuguesa à luz dos PCN.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3 O preconceito linguístico em Língua Portuguesa na BNCC .....</b>	<b>28</b>
<b>2.4 Variação linguística na BNCC .....</b>	<b>31</b>
<b>3 A ESCOLA, A LÍNGUA PORTUGUESA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO .....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 Uma conversa acerca da Língua Portuguesa .....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 A escola como espaço educacional democrático e o preconceito linguístico .....</b>	<b>37</b>
<b>4 MÉTODO .....</b>	<b>41</b>
<b>4.1 Enfoque e Alcance da Pesquisa .....</b>	<b>41</b>
<b>4.2 Contexto da pesquisa .....</b>	<b>41</b>
<b>4.3 Planejamento da Pesquisa .....</b>	<b>43</b>
<b>4.4 Sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>44</b>
<b>4.5 Instrumentos de Coletas de Dados.....</b>	<b>44</b>
<b>4.6 Procedimentos – observação participativa .....</b>	<b>45</b>
<b>5 O PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA .....</b>	<b>46</b>
<b>5.1 A escola no combate ao preconceito linguístico .....</b>	<b>46</b>
<b>5.2 ANÁLISES DOS RESULTADOS.....</b>	<b>58</b>
<b>5.3 Categoria dos alunos.....</b>	<b>59</b>
<b>5.4 As contribuições das Rodas de Conversa .....</b>	<b>81</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>83</b>
<b>6.1 Recomendações para estudo futuro .....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico, evidenciado pela discriminação e marginalização de indivíduos devido à forma como utilizam a linguagem, constitui um problema presente em vários contextos sociais, incluindo o escolar. Esse preconceito, dentro da área especializada, impacta negativamente o rendimento acadêmico, a autoestima e o bem-estar emocional dos alunos, especialmente aqueles cuja expressão diverge do padrão linguístico esperado.

A imposição ideológica do sistema de ensino, com raízes históricas desde a colonização, privilegiou as formas linguísticas europeias em detrimento das línguas indígenas e afro-brasileiras. Ao longo do tempo, essa valorização das formas europeias cristalizou-se na "norma padrão", frequentemente associada a classes sociais privilegiadas e a um nível educacional elevado. Historicamente, o ensino da língua portuguesa nas escolas focou quase exclusivamente nessa norma padrão, marginalizando e estigmatizando outras formas de expressão.

Essa imposição ideológica não apenas reforça estereótipos e preconceitos, mas também barreiras para o aprendizado. Muitos estudantes, ao se depararem com uma norma linguística que não reflete sua realidade e identidade, sentem-se desmotivados ou inadequados, o que compromete seu engajamento e sucesso acadêmico.

A escola, compreendida como todos os agentes educacionais e, particularmente, o docente de língua portuguesa, desempenha função essencial. É por meio da atuação deste educador que os alunos são introduzidos a uma perspectiva mais abrangente e inclusiva da língua, que celebra todas as suas variantes. A instituição educacional, em conjunto com sua comunidade e o docente, possui o potencial de estabelecer um ambiente que valorize a diversidade linguística, confrontando preconceitos e incentivando abordagem crítica à educação linguística, combatendo o preconceito linguístico e empoderando os estudantes para que evoluam como cidadãos informados, respeitosos e proativos.

Diante desse contexto, o desafio reside em como as escolas estão abordando o preconceito linguístico e que medidas pedagógicas estão sendo tomadas para mitigar seus efeitos nos estudantes afetados?

O objetivo geral é explorar e debater as diversas manifestações de preconceito,

com um enfoque particular no preconceito linguístico dentro do ambiente escolar, envolvendo os segmentos escolares, principalmente, os alunos.

A intenção é compreender como essas formas de discriminação se manifestam e interagem nos contextos educacionais, buscando caminhos para uma abordagem mais inclusiva e respeitosa da diversidade linguística nas escolas.

O pressuposto mencionado serve como principal motivação para este trabalho de pesquisa. Ele é fruto das experiências acumuladas ao longo de 32 anos de atuação profissional no magistério, especificamente em Língua Portuguesa. Ao longo desses anos letivos, observam-se frequentes discussões sobre os sotaques de certos alunos e os modos particulares de outros se expressarem. Essas observações são particularmente acentuadas em alunos provenientes de classes sociais menos favorecidas. Além disso, alguns textos didáticos reforçavam abordagem equivocada das variantes linguísticas. A combinação desses fatores resulta em dificuldades de aprendizagem e tensões nas relações interpessoais dos envolvidos.

Adotaremos metodologia da pesquisa exploratória-descritiva e participativa, e revisão de estudos acerca da temática. Esse modelo metodológico será melhor discutido na seção 4, dedicada especificamente ao método.

A leitura e os estudos estão ancorados em Bagno (1999, 2002, 2003, 2006, 2007, 2009, 2014, 2015), Bortoni-Ricardo (2004), Bortoni-Ricardo e Almeida (2023), Calvet (2002), Freitag e Lima (2010), Labov (2006), Ilarie e Basso (2009), Cagliari (1990), Antunes (2007), Mattos e Silva (2000), Faraco (2005, 2016), Laperuta-Martins (2017), como também, nas leituras dos documentos oficiais da educação brasileira.

Estruturamos a dissertação em seis seções. Na primeira seção, fazemos breve apresentação da motivação por esse tema de pesquisa, demonstrando a justificativa, o problema e os objetivos.

Na segunda seção, a fundamentação teórica envolvendo língua, variação e preconceito linguístico.

A terceira seção ênfase no ensino da língua portuguesa voltado para a temática.

A quarta seção aborda o método da pesquisa com suas características e procedimentos.

Na quinta seção, tratamos do projeto de intervenção pedagógica, colocando em prática o aprendizado teórico em favor de uma educação mais inclusiva.

Na sexta seção, serão apresentadas as considerações a respeito das principais constatações obtidas nessa dissertação e as proposições para os estudos futuros.

## **2 LÍNGUA, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO**

Nesta seção, vamos discorrer brevemente sobre a contextualização histórica da língua na perspectiva sociolinguística. Falaremos sobre a variação linguística e trataremos do preconceito linguístico à luz dos referenciais teóricos e dos documentos oficiais recentes na educação brasileira, visando discutir o preconceito linguístico.

### **2.1 Breve contextualização histórica da língua na perspectiva sociolinguística**

Por muito tempo se acreditou que a língua deveria ser estudada isoladamente do sujeito falante. Os estudos sobre a língua como mutável pelo meio social passaram a ganhar forma em meados da década de sessenta, quando a sociolinguística passou a ser vista como ciência independente e revolucionária, enfatizando que a extensão da cultura e da sociedade pode ser categórica para ocorrências linguísticas sujeitas a interpretação, descrição e sistematização.

Para Saussure (1974), a língua é um sistema de signos linguísticos que funciona segundo leis internas próprias que em nada se relacionam com o que lhe é exterior; porém a língua não é estática, muito menos estável. Ao contrário disso: é variável e se transforma de acordo com o tempo, local e modo de vida dos falantes. palavras e expressões surgem em certo período do tempo e outras desaparecem ou se tornam minimamente usadas. Há algumas que até mesmo têm grafias mudadas e que passam a ter novos significados.

Calvet (2002), em “Sociolinguística: uma introdução crítica”, se debruça sobre a intersecção entre linguagem e sociedade, explorando como os dois domínios se influenciam mutuamente. para ele, a linguística é a ciência que estuda a linguagem em suas diversas facetas, desde a estrutura fonética, morfológica e sintática até a semântica e a pragmática. busca entender como as línguas funcionam, como são formadas e como evoluem. A linguística é uma disciplina que se concentra na descrição e análise das línguas, independentemente das influências sociais.

Por outro lado, a sociolinguística, é um ramo da linguística que se preocupa especificamente com a relação entre língua e sociedade. Assim, examina os fatores

sociais como classe, gênero, etnia e idade influenciam o uso da linguagem, destacando como diferentes grupos sociais possuem distintas maneiras de se comunicar, o que reflete suas identidades e posições sociais e, inversamente, como a linguagem pode influenciar e refletir a sociedade. A sociolinguística reconhece que a linguagem não apenas um sistema de signos, mas como um fenômeno social que desempenha papel crucial na construção de identidades, relações de poder e normas.

O autor argumenta que a linguagem não pode ser compreendida isoladamente de seu contexto social. destaca que a forma como falamos, as escolhas linguísticas que fazemos e até mesmo a percepção de certos dialetos ou variedades linguísticas são profundamente influenciadas por fatores sociais.

Para além disso, Calvet (2002) aborda a linguagem como ferramenta de poder, destacando como certas variedades linguísticas são valorizadas em detrimento de outras. Esta valorização pode levar à marginalização de determinados grupos de falantes. Esse enfoque crítico é essencial em sua obra, pois ponderar sobre as consequências sociais e políticas intrínsecas ao uso da linguagem, ao estabelecer distinção entre linguística e sociolinguística, esse autor enfatiza a relevância de se levar em conta o contexto social ao analisar a linguagem. defende que a linguagem não é somente reflexo da sociedade, mas também um meio pelo qual a sociedade é construída e moldada.

Freitag e Lima (2010) destacam que:

Sem a língua, o homem não se organiza socialmente. Isso significa dizer que a organização social depende da língua, e que os fatos da língua dependem da organização da sociedade e vão variando, mudando, construindo discursos, trabalhando com elementos que estão ligados ao fato de que o homem é um ser linguístico e social, e de que essas duas coisas não se separam. Sistematizar este ir e vir da relação entre língua e sociedade é a tarefa da Sociolinguística. (FREITAG e LIMA, 2010, p. 17).

Freitag e Lima (2010) destacam a interdependência entre linguagem e organização social. A língua não é apenas um meio de comunicação, mas um pilar da estruturação social humana. enquanto a organização social é moldada pela língua, os fenômenos linguísticos são influenciados e transformados pelas dinâmicas sociais. O ser humano, como ser linguístico e social, está constantemente em um processo de construção e reconstrução discursiva, utilizando elementos linguísticos que refletem

e, ao mesmo tempo, influenciam sua realidade. a Sociolinguística emerge como a disciplina responsável por analisar e sistematizar essa relação dinâmica entre língua e sociedade, buscando compreender as nuances e complexidades dessa interação.

isso implica que não há como estudar a língua sem o contexto social do falante, incluindo o lugar e o tempo em que estão inseridos.

Para a Sociolinguística a língua é dotada de “heterogeneidade sistemática”, fato que permite a identificação e demarcação de diferenças sociais na comunidade, constituindo-se como parte da competência linguística dos indivíduos, o domínio de estruturas heterogêneas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.101).

Esses autores apresentam perspectiva fundamental da Sociolinguística sobre a natureza da língua. Ao referir-se à língua como possuidora de "heterogeneidade sistemática", destacam a complexidade e diversidade inerentes à linguagem. Ela não é homogênea ou estática; ao contrário, é dinâmica e multifacetada, refletindo as variadas realidades sociais e culturais de seus falantes.

A ideia de "heterogeneidade sistemática" sugere que a variação não é aleatória ou desordenada, segue padrões e sistemas. Através da identificação desses padrões os sociolinguístas podem discernir e compreender as diferenças sociais presentes em uma comunidade. a forma como um indivíduo fala pode revelar aspectos sobre sua origem geográfica, classe social, educação, entre outros.

Essa heterogeneidade não é característica externa da língua, é parte integrante da competência linguística dos indivíduos. Os falantes não apenas reconhecem as diferenças, mas também as internalizam e as utilizam de forma competente em suas interações. O domínio de estruturas heterogêneas sugere que os falantes são capazes de empregar variedades linguísticas conforme o contexto e a necessidade, demonstrando flexibilidade e adaptabilidade.

A perspectiva de Weinreich, Labov e Herzog ressalta a riqueza e complexidade da língua, vendo-a como um intricado entrelaçado de formas e significados. reconhece a língua como reflexo vivo das complexidades sociais e culturais e destaca a habilidade dos falantes em navegar por essa diversidade de maneira competente e significativa.

Para Bagno (2014, p. 22, grifo do autor) “a **língua é um fato/fenômeno de natureza sociocognitiva**, ou seja, existe no cérebro de cada indivíduo, mas depende

das interações sociais para ser ativada e permitir a interação desse indivíduo na herança cultural que é a dele”. Segundo o autor, a língua é um fenômeno sociocognitivo; enquanto reside no cérebro de cada pessoa, sua ativação e plenitude derivam das interações sociais. Por meio dela, o indivíduo se conecta e participa da rica teia de sua herança cultural.

Bagno (2014), fundamentado nesta perspectiva sobre a língua, apresenta a seguinte conceituação e reflexões:

Uma língua é um conjunto de representações simbólicas do mundo físico e do mundo mental que:

- (1) é **compartilhado** pelos membros de uma dada comunidade humana como **recurso comunicativo**;
- (2) serve para **interação** e integração sociocultural dos membros dessa comunidade”;
- (3) se organiza fonomorfofossintaticamente (sons+ palavra+frases) segundo **convenções** firmadas ao longo da história dessa comunidade;
- (4) **coevolui** com os desenvolvimentos cognitivos e os desenvolvimentos culturais dessa comunidade, sendo então sempre **variável** e **mutante**, um **processo** nunca acabado;
- (5) se manifesta concretamente por meio de um repertório limitado de **sons** emitidos pelo aparelho fonador de cada indivíduo. (BAGNO, 2014, p.22).

A citação enfatiza não apenas a estrutura gramatical (fonomorfofossintática), mas também a função social e cultural da língua. Essa visão holística é crucial em ambientes educativos, onde a língua deve ser ensinada não somente como regras a serem seguidas, mas como instrumento de engajamento e inclusão social. Reconhecer a língua como "variável e mutante" ajuda a desestigmatizar variação dialetais, tornando o ensino mais inclusivo e respeitoso à diversidade linguística. Bagno (2014, p. 23) “língua não é, ela sempre *está*, *está* em formação, em decomposição e recomposição, perde coisas com o tempo e ganha outras [...] ao sabor das transformações culturais e cognitivas do falante”.

### 2.1.1 Variação linguística: alguns apontamentos sobre a Sociolinguística Variacionista

A sociolinguística apresenta diversas vertentes, dentre as quais se destacam: a Sociologia da Linguagem, a Etnografia da Comunicação e a Sociolinguística Variacionista. Daremos ênfase à Sociolinguística Variacionista, abordagem estabelecida por William Labov.

A Sociolinguística Variacionista concentra-se na análise da língua enquanto fenômeno social e intrinsecamente variável. Esta abordagem busca compreender as mudanças linguísticas observadas em diferentes grupos sociais, levando em consideração variáveis como idade, gênero, etnia, entre outras. O objetivo é identificar tendências no uso da língua, baseando-se em registros meticulosos e na interpretação de dados coletados em distintas comunidades de fala.

Os primeiros estudos de Labov focaram nos falantes de Martha's Vineyard, uma variação do inglês americano. No Brasil, a Sociolinguística Variacionista encontrou terreno fértil para suas investigações a partir da metade da década de 1960. O país, com sua vasta extensão territorial e rica teia cultural, oferece uma multiplicidade de contextos linguísticos, refletindo a diversidade de suas regiões e a confluência de influências históricas e culturais. A diversidade se manifesta em diferentes sotaques, e em variação lexicais, gramaticais e pragmáticas. Ao aplicar os métodos e abordagens propostos por Labov, os pesquisadores brasileiros puderam desvendar os intrincados padrões de variação e mudança linguística. Em muitos aspectos, o Brasil se apresenta como um microcosmo da diversidade linguística mundial, tornando-se campo inestimável para a compreensão dos fenômenos sociolinguísticos em sua plenitude.

Bagno (2007) aponta alguns fatores extralinguísticos que influenciam a variação linguística. São eles:

1. Origem geográfica: A língua costuma variar de um lugar para o outro. A fala difere de acordo com as regiões brasileiras, valendo a pena destacar também as zonas rurais e urbanas.
2. Status Socioeconômico: O modo de falar de pessoas de renda média ou baixa é diferente das que possuem renda alta.
3. Grau de escolarização: esse é um fator importante no que diz respeito à variação linguística. O acesso que os falantes têm à educação da cultura letrada faz o diferencial nos usos linguísticos de um falante.
4. Idade: As gerações falam diferente umas das outras. Uma criança fala diferente do adolescente, do adulto ou do idoso.
5. Sexo: Mulheres e homens utilizam a língua de maneira diversificada.
6. Mercado de Trabalho: A profissão influencia muito na atividade linguística da pessoa. Há profissões mais formais que outras.
7. Redes Sociais: Geralmente as pessoas se parecem com as outras pela convivência. Essa semelhança se reflete também no comportamento linguístico. (BAGNO, 2007 p. 43 e 44).

Bagno (2007) destaca de maneira perspicaz os múltiplos fatores da variação linguística, demonstrando a complexa interação entre língua e sociedade. A menção

à origem geográfica ressalta a rica teia de dialetos e variedades encontradas em um único país, refletindo a diversidade cultural e histórica. A observação sobre o *status* socioeconômico e a linguagem reforça a ideia de que a língua é um reflexo das estruturas sociais, servindo tanto como meio de comunicação quanto como marcador de identidade.

Ilari e Basso (2009) destacam que a forma de falar dos indivíduos menos escolarizados é rotulada como "português subpadrão" ou "português substandard". enfatizam a importância de reconhecer uma variante linguística, e não erros associados a limitações mentais dos falantes.

Um falante emprega variedades linguísticas dependendo do contexto e das pessoas com quem está interagindo.

Consideremos João, um advogado. Em um tribunal, ao dialogar com um juiz para defender seu cliente, adotará o estilo formal do contexto jurídico. Ao relaxar em um *happy hour* com amigos, também advogados, a linguagem será mais descontraída, podendo incluir gírias e expressões que divergem da norma culta.

A variação linguística, frequentemente vista como consequência cultural, é marcadamente associada ao preconceito linguístico no Brasil.

### 2.1.2 Preconceito linguístico: alguns apontamentos

Este tópico baseia-se nas obras de Possenti (1996) e Bagno (1999, 2002, 2003, 2015), visando aprofundar o entendimento acerca do preconceito linguístico.

Persiste o entendimento de que uma variedade linguística é superior a outra, que há uma forma "correta" e outras "equivocadas", ou que algumas variantes não deveriam existir. No entanto, nas interações cotidianas, as pessoas produzem textos, oralmente ou por escrito, e esses textos naturalmente apresentam variação. A questão problemática reside na falta de respeito que alguns indivíduos demonstram em relação aos outros, acreditando-se superiores. Pessoas com maior prestígio social tendem, em muitos casos, a desvalorizar e menosprezar a linguagem daqueles que não compartilham do mesmo status.

Nessa linha de raciocínio, Possenti (1996), apresenta a seguinte observação:

Basicamente, tratava-se de eliminar preconceitos e de redizer algumas coisas óbvias sobre o funcionamento real da linguagem na vida real dos falantes,

insinuando que esse uso real é o que deve ser priorizado na sala de aula. [...] O que fiz foi extrair das principais correntes de estudos de linguagem, que eu conhecia de algum modo, um conjunto de enunciados resumidores (quase slogans) e atitudes pedagógicas correspondentes. (POSSENTI, 1996, p. 9).

O preconceito linguístico contra variantes linguísticas consideradas "inferiores" é desafiado por Possenti ao valorizar o "uso real" da linguagem na sala de aula. reconhece a língua como fenômeno dinâmico e diversificado, refletindo a identidade e a cultura dos falantes. Ao priorizar o uso real da linguagem, a educação se torna mais inclusiva, respeitando as diferentes formas de falar dos alunos.

Possenti destaca a importância de valorizar a diversidade linguística na educação como meio de combater o preconceito linguístico e promover a compreensão respeitosa da linguagem como elemento central da identidade humana e da convivência social.

Assim como os preconceitos relacionados à raça, cor, gênero são inaceitáveis, o preconceito linguístico também deve ser combatido. Se existissem leis que protegessem as vítimas de intolerância linguística, assim como há para outros tipos de preconceito, o problema seria atenuado. Muitos educadores ainda não se sentem capacitados para enfrentar atitudes preconceituosas em relação à linguagem em suas salas de aula, o que acaba perpetuando preconceitos.

Possenti (1996) destaca um aspecto crucial: a manifestação do preconceito linguístico dentro da própria variação linguística, no âmbito de uma mesma língua, ressalta a importância de reconhecer e abordar as atitudes discriminatórias que ocorrem não apenas entre línguas diferentes, mas também dentro das diferentes formas de uma única língua.

O preconceito é mais grave e profundo no que se refere a variedades de uma mesma língua do que na comparação de uma língua com outras. As razões são históricas, culturais e sociais. Aceitamos que os outros (os que falam outra língua) falem diferente. Mas, não aceitamos pacificamente que os que falam ou deveriam falar a mesma língua falem de maneira diferente. (POSSENTI, 1996, p. 29).

Possenti (1996) ressalta a gravidade e profundidade do preconceito linguístico dentro de uma mesma língua, em comparação com o preconceito entre línguas diferentes. De forma similar, o autor revela tendência a aceitar a diversidade externa, mas resistir à interna, refletindo desafio significativo na aceitação da pluralidade

linguística dentro de uma única comunidade, sugere que a escola deva reorganizar a temática das aulas, discutir o preconceito em detrimento à análise sintática, defende que o ensino de língua deve ir além da análise sintática, enfatizando a importância de discutir e combater preconceitos linguísticos.

Porque se sabe que refletir sobre a língua é uma das atividades usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la na escola. **Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades (discutir os preconceitos é certamente mais importante do que fazer análise sintática** — eu disse mais importante, o que significa que a análise sintática é importante, mas é menos...) (POSSENTI, 1996, p. 56).

A abordagem proposta por Possenti é uma chamada para um ensino de língua consciente e menos prescritivo, que prepare os alunos para entender e respeitar a variedade linguística como característica natural e valiosa da comunicação humana.

Bagno (1999) aponta que o preconceito linguístico é o reflexo de um padrão estabelecido por grupos socialmente privilegiados, que rotulam como "errado" tudo aquilo que se desvia de seus modelos. Destaca que o preconceito linguístico frequentemente se entrelaça com outras formas de discriminação, como preconceitos socioeconômicos, regionais, culturais, raciais e homofóbicos. Afirma que a norma gramatical padrão é impossível de ser usada ao "pé da letra" e que o preconceito linguístico não é recente.

Bagno (2003) trata como inaceitável dissociar o indivíduo, autor e sujeito de sua língua. argumenta que a gramática não deve ter a função de distanciar o falante de seu próprio idioma materno. E que tentar fazer isso chega a ser absurdo:

[...] a língua é parte constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano\_ em boa medida, nós somos a língua que falamos, e acusar alguém de não saber falar a sua própria língua materna é tão absurdo quanto acusar essa pessoa de não saber "usar" corretamente a visão (isto é, afirmar o absurdo de que alguém é capaz de enxergar, mas não é capaz de ver) ou o olfato (isto é, afirmar o absurdo de que alguém é capaz de sentir o cheiro, mas não de aspirá-lo) (BAGNO, 2003, p.16- 17).

A citação traz à tona reflexão profunda sobre a relação intrínseca entre língua e identidade. Ao afirmar que "a língua é parte constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano", o autor destaca a importância central da linguagem na formação de nossa autoimagem e na maneira como nos relacionamos com o mundo. A língua não é apenas um meio de comunicação, mas reflexo de quem somos, de nossa história, cultura e vivências.

A comparação entre a acusação de não saber falar a própria língua e a ideia absurda de alguém não saber "usar" corretamente a visão ou o olfato é impactante. Ressalta o quão natural e intrínseco é o ato de falar. Assim como a visão e a respiração são processos biológicos e interativos inatos e intuitivos, a habilidade de usar a língua se manifesta igualmente como um fenômeno natural e interativo, enraizado na biologia humana. Questionar a capacidade de alguém de se expressar em sua língua é desconsiderar a essência e a experiência humana.

Bagno convida os leitores e professores a uma postura de respeito e valorização das diversas formas de expressão linguística, reconhecendo-as como manifestações autênticas da identidade e da experiência de cada falante. Em vez de julgar ou padronizar, é essencial abraçar a diversidade linguística como uma riqueza e um testemunho da complexidade e unicidade do ser humano.

Bagno destaca-se como uma das vozes mais contundentes no combate ao preconceito linguístico no Brasil. Seu trabalho é pautado na desconstrução de mitos arraigados na sociedade brasileira sobre a língua portuguesa e suas variedades. O preconceito linguístico é um reflexo de desigualdades sociais mais amplas, e a língua torna-se um instrumento de exclusão e marginalização.

Em "Preconceito linguístico: o que é, como se faz" (2002, 2015), identifica e desmantela uma série de mitos sobre a língua portuguesa. Um dos mais recorrentes é a ideia de que existe uma única forma "correta" de falar e escrever, geralmente associada à norma culta. Esta concepção, muitas vezes perpetuada pelo sistema educacional e pela mídia, ignora a rica tapeçaria de variedades linguísticas, cada uma com sua história, estrutura e lógica interna.

Bagno argumenta que o preconceito linguístico é, em sua essência, uma forma de violência simbólica. Ao estigmatizar determinadas formas de falar, a sociedade marginaliza e desvaloriza os falantes dessas variedades. A marginalização linguística reforça e perpetua desigualdades sociais, criando um ciclo vicioso de exclusão e discriminação.

A visão desse autor sobre a língua portuguesa é profundamente democrática. Para ele, todas as variedades linguísticas têm valor e merecem respeito. A língua é um organismo vivo, em constante transformação, e as variedades linguísticas são reflexo da diversidade e complexidade da sociedade brasileira. Ao invés de serem

vistas como "erros" ou "desvios", as variedades deveriam ser reconhecidas como manifestações legítimas da língua portuguesa.

O preconceito linguístico como avaliação pejorativa da maneira de falar de uma pessoa, baseando-se em critérios como sotaque, regionalismos, pronúncia e, especialmente, desvio em relação às normas gramaticais estabelecidas como padrão. Essa conceituação engloba o julgamento de valor sobre as variedades linguísticas que diferem do considerado normativo.

## **2.2 O preconceito linguístico em Língua Portuguesa à luz dos PCN**

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais existem abordagens destinadas a trabalhar ou promover reflexões sobre o preconceito linguístico no contexto educacional. Essas abordagens estão relacionadas à língua portuguesa nos terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (atualmente denominados anos finais do ensino fundamental), e trazem orientações específicas para o ensino da Língua Portuguesa. Destacam a língua como prática social e defendem um ensino que vá além da mera gramática normativa, abordando a língua em seus diversos usos e contextos. Propõem abordagem que valorize tanto a variedade padrão quanto as variedades linguísticas presentes na sociedade brasileira, reconhecendo a riqueza e a diversidade da língua portuguesa.

A variação linguística é um pilar fundamental na linguística e na educação. Ao adentrar o ambiente escolar, o aluno não é uma tela em branco; traz consigo uma bagagem linguística adquirida em sua comunidade. Esta perspectiva que valoriza o conhecimento prévio do aluno é essencial para a educação linguística inclusiva.

Os falantes percebem e se adaptam às variedades linguísticas, demonstrando a natureza dinâmica da língua. Contrapondo-se à ideia de que há uma única maneira "correta", o texto desafia a noção tradicional de "certo" e "errado", ressaltando que os padrões linguísticos são contextuais e variados. A discriminação linguística, infelizmente, é uma realidade que marginaliza falantes de variedades consideradas "não padrão".

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades – aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de

falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. Sabe, por exemplo, que existem formas mais ou menos delicadas de se dirigir a alguém, falas mais cuidadas e refletidas, falas cerimoniais. Pode ser que saiba, inclusive, que certos falares são discriminados e, eventualmente, até ter vivido essa experiência. (BRASIL, 1998, p. 81-82).

A menção à percepção do aluno sobre variação linguística e contextos apropriados para determinadas expressões ressalta a capacidade natural dos falantes em adaptar sua linguagem conforme a situação. Ao abordar a discriminação linguística, o texto chama a atenção para uma realidade social que muitos alunos enfrentam, tornando-se crucial para discussões em sala de aula.

No fim do século XX, o Brasil, em seus documentos oficiais, abordava o preconceito linguístico, mesmo, sem ênfase na prática escolar, sobretudo, nas formações acadêmicas.

A discriminação de algumas variedades linguísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. (BRASIL, 1998, p. 82).

Percebe-se que a discriminação de variedades linguísticas é um espelho das tensões e desigualdades sociais. As formas de expressão marginalizadas ou menosprezadas revelam preconceitos mais profundos associados a fatores como classe social, etnia e origem geográfica. O preconceito linguístico, assim como outros tipos de preconceito, não se baseia em critérios objetivos, mas em avaliações subjetivas que grupos sociais fazem uns dos outros. Essas avaliações estão atreladas a estereótipos e a visões distorcidas sobre determinados grupos.

Nesse cenário, a educação assume papel protagonista. Ao introduzir o discente a novas formas linguísticas, como a norma padrão e a oralidade alinhada à tradição gramatical, é essencial que compreenda que não há hierarquia entre as variedades. Cada uma é um reflexo legítimo da história e da cultura humana. Aprender a norma padrão não significa desvalorizar a variedade com a qual o aluno se identifica. O ensino deve promover o respeito e a valorização de todas as formas, combatendo o

preconceito linguístico e promovendo visão inclusiva e democrática da língua.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) propõem atividades que exploram as questões de variação linguística. Sete pontos são sugeridos, é relevante destacar o ponto 4, com seus respectivos desdobramentos, e os pontos 6 e 7.

- levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes:
  - ❖ elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
  - ❖ estudo de textos em função da área de conhecimento, identificando jargões próprios da atividade em análise;
  - ❖ comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (por exemplo, uma matéria sobre meio ambiente para uma revista de divulgação científica e outra para o suplemento infantil);
  - ❖ comparação entre textos sobre o mesmo tema, produzidos em épocas diferentes;
  - ❖ comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
  - ❖ comparação entre um texto original e uma versão adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;
  - ❖ comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (um artigo para uma revista acadêmica e outro para uma revista de vulgarização científica); [...];
- análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito linguístico;
- análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional.

O professor de Língua Portuguesa, com base nos PCN de Língua Portuguesa pode fazer abordagem relevante sobre a variação linguística, reconhecendo a língua como organismo vivo e dinâmico, sujeito a mudanças e adaptações conforme o contexto. O levantamento das marcas de variação linguística, ligadas a aspectos como gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, sugere análise crítica e comparativa de textos. Esta proposta visa identificar as nuances e especificidades de diferentes registros linguísticos e desenvolver a capacidade do aluno de adaptar sua linguagem de acordo com o contexto.

Outra valiosa estratégia de ensino são os exercícios de comparação de textos sobre um mesmo tema, veiculados em diferentes publicações ou produzidos em épocas distintas, ou a análise de duas traduções de um mesmo texto, permitem ao aluno perceber as sutilezas e escolhas estilísticas.

Outra ferramenta para promover a reflexão e o debate em sala de aula é a

análise de textos publicitários ou jornalísticos que veiculem preconceito. A comparação entre registros reais de fala ou escrita e as normas da gramática tradicional permite aos alunos compreensão crítica e contextualizada da língua.

É possível identificar uma lacuna na abordagem da variação linguística pelos PCN. Embora reconheçam a importância da diversidade linguística, poderiam beneficiar-se de abordagem mais prática, enriquecida com exemplos e estratégias pedagógicas. É crucial observar que, por trás das diretrizes oficiais, muitas vezes, as discussões em sala de aula podem reproduzir ideologias pré-estabelecidas. Assim, é fundamental que os educadores estejam atentos, garantindo a educação linguística verdadeiramente inclusiva e não apenas uma reprodução de ideologias.

### **2.3 O preconceito linguístico em Língua Portuguesa na BNCC**

O foco deste discurso será nos aspectos linguísticos mencionados no documento oficial sobre preconceito. Ainda assim, reconhecem-se as críticas feitas por profissionais da língua portuguesa a esse documento, como aquelas apresentadas por Finardi, Scherre e Vidon (2019).

Relevância da BNCC (2018) no cenário educacional brasileiro:

[...] É um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018, p. 7).

Detém a autoridade normativa equivalente à de uma legislação, devido à sua função específica de ser aplicada exclusivamente à educação escolar, conforme estabelecido pelo parágrafo 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996). Esta estrutura é fundamentada em princípios éticos, políticos e estéticos e visa à realização da formação humana integral, além de contribuir para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, conforme delineado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) vai além dos PCN, ao apresentar

abordagem contemporânea para o aprimoramento do ensino, através da integração de competências e habilidades específicas a cada área do conhecimento.

Ao adotar esse enfoque, a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC. (BRASIL, 2018, p. 13).

A missão da educação, inserida em um contexto histórico e cultural, responde ativamente às transformações impulsionadas pelos avanços digitais e tecnológicos em vários campos do saber. A BNCC destaca a importância de uma Educação Integral, que não apenas acumule informações, mas valorize a capacidade de se comunicar, ser criativo, crítico-analítico, participativo, receptivo a inovações, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável (BRASIL, 2018).

[...] a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada **ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades**. Além disso, a escola, **como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades**. (BRASIL, 2018, p. 14, grifo nosso).

A dimensão pedagógica da educação integral abrange todas as faixas etárias, da educação infantil ao ensino médio. É essencial que o professor conduza e reflita sobre as atitudes, o preconceito linguístico, valores e a convivência social, entre outros aspectos relevantes.

A BNCC apresenta 10 competências específicas para a Língua Portuguesa importantes no contexto curricular mais abrangente. Destacam-se para o propósito dessa dissertação, três delas: 1, 4 e 5.

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem;

- [...] 4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos;
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual; [...] (BRASIL, 2018, p. 87).

Percebe-se a preocupação da compreensão aguçada da língua enquanto fenômeno multifacetado: cultural, histórico, social, entre outros. Isso demonstra a necessidade de ir além de ensinar gramática e estrutura linguística, de contextualizar a língua em sua teia de significados, respeito e usos.

Depreendemos com base nas análises dos itens 1 e 4, que os discentes são convidados a desenvolver a consciência sobre a natureza variável e diversificada da língua, bem como, a postura de respeito diante das diferentes variedades linguísticas. Esta característica é essencial para a formação de cidadãos respeitosos e inclusivos.

Já na competência de número 5, a ênfase recai sobre a habilidade prática de ajustar a linguagem de acordo com a situação, o interlocutor e o gênero discursivo. Esta é uma habilidade vital para a eficácia na comunicação em diferentes contextos.

Para além disso, essas competências sugerem enfoque interdisciplinar no ensino de língua. Ao abordar a língua como fenômeno cultural, histórico e social, abre-se espaço para a integração de conhecimentos de História, Sociologia e Antropologia no ensino de Língua Portuguesa. Promove a valorização da diversidade linguística e a rejeição do preconceito, aspecto imprescindível para formar discentes com mentalidade aberta, que respeitem e valorizem as diferenças e reconheçam a diversidade linguística.

Para abordar efetivamente esses tópicos em sala de aula, o professor precisará de materiais e recursos que ilustrem a diversidade linguística, exemplos históricos e culturais da evolução da língua e atividades práticas que ajudem os alunos a refletir sobre os usos da linguagem. pode-se incorporar discussões em sala de aula sobre o papel da língua na construção de identidades, estereótipos linguísticos e a importância do respeito às variedades linguísticas. “[...] é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (BRASIL, 2018, p. 70).

Em resumo, as três competências sugerem abordagem holística e

contextualizada do ensino da língua, que não apenas desenvolvem o cognitivo dos discentes com habilidades linguísticas práticas, mas também os educam para serem cidadãos conscientes e respeitosos.

## **2.4 Variação linguística na BNCC**

A variação linguística deve ser objeto de reflexão e as competências específicas da Base para o ensino da língua portuguesa.

A BNCC (2018) visa, não apenas estudar a variação aleatoriamente, mas principalmente integrar este fenômeno em todas as dimensões do ensino do português, mostrando aos alunos que a realidade heterogênea da língua é reflexo vivo da heterogeneidade da sociedade. Considerando a realidade do português brasileiro, os docentes se conscientizem de que ensinar requer estudar, conhecer mais a respeito de objeto de ensino, tomar frente aos “erros de português” de seus alunos.

Na BNCC, o tema é abordado no "Eixo da Análise Linguística/Semiótica", o qual detalha os procedimentos e estratégias para o ensino da Língua Portuguesa.

Envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido. (BRASIL, 2018, p. 80).

Outra importante observação diz respeito aos textos orais. Neste caso, a análise abrangerá elementos característicos da fala, tais como ritmo, altura, intensidade, clareza de articulação e a variedade linguística empregada.

Em relação ao estilo, considerar-se-á a escolha do léxico, a variedade linguística ou estilização, bem como mecanismos sintáticos e morfológicos, adaptados à situação de produção e ao estilo do gênero em questão. (BRASIL, 2018).

A variação e a mudança linguística são fenômenos inerentes a qualquer sistema linguístico e podem ser observadas em todos os níveis de análise, principalmente no que diz respeito ao valor atribuído às variedades de prestígio em contraste com as variedades estigmatizadas.

A BNCC traz um quadro com campos referentes a todos os conhecimentos

linguísticos relacionados a ortografia, pontuação, conhecimentos gramaticais (morfológicos, sintáticos, semânticos), dos quais destaca-se a variação linguística:

- Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.
- Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2018, p.83)

A citação enfatiza a necessidade de os alunos reconhecerem a diversidade linguística do Brasil. Ao se conscientizar das diferenças fonológicas, lexicais e sintáticas, os estudantes percebem as peculiaridades do português falado em distintas regiões, reconhecendo a validade de todas elas. Em segundo lugar, destaca que a sociedade não valoriza de forma igual toda a variação linguística.

A discussão sobre variedades prestigiadas e estigmatizadas instiga o pensamento crítico dos alunos sobre o preconceito linguístico, incentivando-os a desafiar tais preconceito. (BRASIL, 2018, p. 87), “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos”. Reitera a importância da compreensão e respeito pelas diversas variações linguísticas, propiciando aos estudantes que compreendam as diferenças linguísticas e adotem uma postura de respeito e rejeição a preconceitos linguísticos.

O professor deve promover atividades em que os alunos pesquisem variedades linguísticas, destacando suas características e peculiaridades, podem ser promovidos debates sobre o valor e o preconceito associados a diferente variação, permitindo que os alunos compartilhem experiências e perspectivas. É crucial que os alunos percebam que as variedades linguísticas não são apenas tópicos teóricos, mas como parte de sua realidade, é interessante trazer para a sala de aula exemplos reais, como músicas, poemas, entrevistas e outros materiais.

### **3 A ESCOLA, A LÍNGUA PORTUGUESA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Nesta seção, abordamos brevemente a Língua Portuguesa, enfocando como ser considerada em diversos contextos sociais heterogêneos. Discutiremos também o papel da escola como espaço democrático e analisaremos o preconceito linguístico.

Apresentaremos estratégias para combater o preconceito, visando atenuar os efeitos nocivos das discriminações causadas pelo modo de falar de alguém, promovendo tratamento justo e respeitoso do ser humano.

### **3.1 Uma conversa acerca da Língua Portuguesa**

O estudo da língua sem preconceitos em todas as suas variedades, é essencial em todos os níveis da educação básica. Não se devem classificar registros que divergem da forma padrão como "errados", mas reconhecer a legitimidade de seus usos.

Cagliari (1990) sustenta que a língua portuguesa tem normas estruturais que definem o que é considerado correto ou incorreto. Estas normas são estabelecidas por convenções que visam padronizar a língua. No entanto, em seu uso cotidiano, a língua se manifesta de maneiras diversas, capturando o diversificado tecido cultural e social. Nesse contexto, não se devem impor correções rígidas, que desvalorizassem as variantes linguísticas e a expressividade dos falantes. Reconhecer e respeitar essas variantes é essencial para a compreensão ampla e inclusiva da língua.

A língua não pode ser vista, tão simplesmente, como uma questão, apenas, de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado. A língua é muito mais que isso tudo. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. (ANTUNES, 2007, p. 22).

Reflexão profunda sobre a natureza e o significado da língua em nossas vidas. Ao afirmar que a língua vai além de mera questão de certo e errado ou de estrutura gramatical, a autora destaca a complexidade e a riqueza intrínseca da linguagem. É vital entender que a língua não é somente um meio de comunicação, mas um reflexo da humanidade e de suas experiências coletivas. Ao reduzi-la a uma série de regras gramaticais ou a uma lista de palavras, negligenciamos sua essência e profundidade. A língua é dinâmica e se transforma constantemente, adaptando-se às mudanças culturais, históricas e sociais.

A língua é um poderoso veículo de identidade. Carrega em si traços de nossa história, cultura e tradições. Cada palavra, frase ou expressão é um reflexo de experiências passadas, de lutas, conquistas e transformações. Ao nos comunicarmos,

não estamos apenas transmitindo informações, mas também compartilhando um pedaço de nossa identidade e de nossa herança cultural.

A afirmação de Antunes ressalta a importância de abordar a língua com mentalidade aberta e inclusiva. Em vez de nos concentrarmos no que é considerado "correto" ou "padrão", devemos valorizar e respeitar as variantes linguísticas e reconhecer a riqueza que trazem para o universo linguístico. Por fim, valorizar e entender a língua é essencial para a apreciação respeitosa de sua importância em nossas vidas.

O ensino da língua materna apresenta desafios significativos. Muitos aspirantes a educadores ingressam na faculdade de letras com a expectativa de dominar todas as regras gramaticais e, posteriormente, transmiti-las em sala de aula. No entanto, à medida que avançam na graduação, percebem a complexidade do curso, levando alguns a reconsiderar sua escolha profissional.

É comum ouvir nos corredores das escolas, nas conversas familiares ou em reuniões entre pais e educadores, que a responsabilidade do docente de língua portuguesa é garantir que o aluno leia e escreva de forma "correta". Espera-se que não cometa erros de pontuação, concordância, acentuação ou qualquer outra norma ortográfica e gramatical. A crença é que, sem esse domínio, o aluno enfrentará barreiras tanto em alcançar o ensino superior quanto no mercado de trabalho.

Mattos e Silva (2000) retrata com propriedade o que a gramática normativa faz:

Esse português-padrão prescritivo-normativo, idealizado pelos gramáticos, continua, contudo, pairante, pelo menos no ideário e em expectativas de segmentos da sociedade brasileira que numa atitude anacrônica, mesmo reacionária e preconceituosa, ainda labuta contra a maré da História. (MATTOS E SILVA, 2000, p. 22).

Mattos e Silva (2000) abordam a persistência e a influência do português-padrão prescritivo-normativo na sociedade brasileira. O padrão idealizado por gramáticos e acadêmicos representa uma forma de língua que, embora não reflita o uso cotidiano da maioria dos falantes, é elevado a um status superior, visto como o "correto" ou "ideal".

O termo "pairante" sugere que essa visão do português-padrão ainda paira sobre a percepção coletiva. apesar das mudanças e evoluções naturais da língua, há resistência em aceitar e valorizar as diversas variantes do português falado no Brasil.

A referência a "segmentos da sociedade brasileira" com "atitude anacrônica, mesmo reacionária e preconceituosa" destaca que a resistência não é universal, mas concentrada em certos grupos, que, influenciados por ideias tradicionais e conservadoras sobre linguagem, resistem às mudanças e à aceitação da diversidade linguística. A expressão "labuta contra a maré da História" evoca uma imagem de luta contra o inevitável fluxo do tempo e da evolução, sugerindo que essa resistência é fútil.

Este trabalho não propõe a eliminação do ensino de gramática nas escolas, defende-se a necessidade de abordá-la sob nova ótica. A língua vai além de sua mera estrutura; ela se manifesta em sua exterioridade. O ensino da língua portuguesa não deve se restringir às regras estabelecidas pela gramática normativa. Bagno (2007) é enfático sobre se a gramática deve ser realmente estudada nas salas de aula.

[...] se por gramática entendermos o estudo sem preconceitos do funcionamento da língua, do modo como todo ser humano é capaz de produzir linguagem e interagir socialmente através dela, por meio de **textos** falados e escritos, portadores de um **discurso**, então, definitivamente **é para ensinar gramática, sim**. Na verdade, mais do que ensinar, é nossa tarefa **construir** o conhecimento gramatical dos nossos alunos, fazer com que eles descubram o quanto já sabem da gramática da língua e como é importante se conscientizar desse saber para a produção de textos falados e escritos coesos, coerentes, criativos, relevantes etc. (BAGNO, 2007, p.70, grifo do autor).

A relevância de se ensinar a gramática nas escolas é um tema frequentemente debatido no âmbito educacional. Bagno (2007) traz perspectiva esclarecedora sobre a questão. A gramática, quando compreendida como o estudo imparcial do funcionamento da língua, torna-se fundamental no processo educativo, não se limita às regras e normas, mas abrange a capacidade inata de todo ser humano de produzir linguagem e interagir socialmente por intermédio dela.

Bagno defende abordagem pedagógica que valoriza o conhecimento prévio do aluno, sugere que, mais do que simplesmente ensinar gramática, o professor deve auxiliar os discentes a construir seu próprio conhecimento gramatical. Isso implica reconhecer e valorizar o que os discentes já sabem acerca da língua, incentivando-os a se conscientizarem desse saber. Tal consciência é crucial para a produção de textos falados e escritos que sejam coesos, coerentes, criativos e relevantes.

A habilidade de comunicar de maneira nítida e persuasiva é uma destreza preciosa, tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Portanto, ao invés de abordar

a gramática como um conjunto rígido de regras, os professores devem vê-la como ferramenta que potencializa a expressão e a comunicação dos alunos.

A perspectiva de Bagno acerca do ensino da gramática ressalta a precisão de abordagem pedagógica centrada no aluno. Ao reconhecer e valorizar o conhecimento dos estudantes, os professores promovem uma aprendizagem significativa, preparando-os para os desafios do mundo atual.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 38) destaca a insegurança de muitos professores no caso da correção linguística “na prática, esse comportamento é ainda problemático para os professores, que ficam inseguros, sem saber se devem corrigir ou não, que erros devem corrigir ou até mesmo se podem falar em erros”. Critica a expressão “erros de português”, considerando-a inadequada e carregada de preconceito. Para ela, tais “erros” são, na realidade, manifestações das diversidades linguísticas.

É essencial que o professor esteja atualizado em relação aos conhecimentos linguísticos, com ênfase nos sociolinguísticos. Pereira (2000) destaca que a função do professor é estimular a reflexão de seus alunos, fazendo com que eles:

[...] exerçam o sentido da crítica, conhecendo teorias diversas, sem medo de ser avançado (ousado) demais ou tradicional (antigo, ultrapassado), lembrando-se de que como usuário da língua (para comunicar-se simplesmente ou fazer uso de sua função expressiva, estética), ele tem direitos e deveres, não sendo indiferente, alheio, neutro. Muito menos temer alguma pergunta embaraçosa que não possa responder correta e imediatamente. (PEREIRA, 2000, p. 246).

O autor aborda a necessidade de postura crítica dos alunos no que tange à língua e ao conhecimento. Ele defende que os estudantes se apropriem de diversas teorias, sem receio de serem audaciosos ou demasiadamente tradicionais. Esta abordagem propõe perspectiva pluralista da educação, na qual o discente não é um receptor passivo, mas um agente ativo no processo de aprendizagem.

Destaca o aluno como usuário da língua, seja para comunicação básica ou para expressões elaboradas e estéticas. Nesse contexto, possui direitos e deveres, rejeitando a noção de postura indiferente, neutra. Esta perspectiva reforça a noção de que a língua é viva, dinâmica e sujeita a interpretações e usos variados.

Sugere que os discentes não devem temer perguntas ou situações que os coloquem em posição de vulnerabilidade. A aprendizagem envolve desafios, dúvidas e, por vezes, erros. O importante é a postura investigativa e a vontade de instruir-se,

e não necessariamente ter todas as respostas de imediato. Pereira (2000) defende uma educação linguística que valorize a postura crítica, reflexiva e ativa dos alunos, reconhecendo-os como agentes centrais no processo de aprendizagem e usuários competentes da língua, acrescentados dos seus respectivos direitos e deveres.

Uma estratégia eficaz para possibilitar ao docente explorar a variação linguística é abordá-la de maneira valorativa, destacando nuances dos tons de voz, os gêneros textuais predominantes em várias partes do Brasil e celebrando a cultura de cada falante. O professor deve reconhecer as particularidades sociolinguísticas presentes em sala de aula e elaborar planos de ensino com base nesses *insights*, orientando os alunos sobre a escrita conforme as normas oficiais.

Outra abordagem para ensinar variantes linguísticas envolve a utilização de letras de música, notícias de jornal e recursos audiovisuais que destaquem essas variedades. Ao inovar metodologicamente, o ensino da disciplina de Língua Portuguesa ganha relevância. A gramática é ensinada de forma que os discentes compreendam a estrutura e o funcionamento da língua, relacionando-a às práticas cotidianas.

### **3.2 A escola como espaço educacional democrático e o preconceito linguístico**

A escola, como espaço de aprendizado e desenvolvimento, é também um modelo de reprodução das relações sociais, políticas. Da mesma maneira que a sociedade, reflete os preconceitos arraigados e os esforços contínuos para combatê-los.

O preconceito linguístico é encontrado no ambiente escolar

Cada um de nós, professor/a ou não, precisa elevar o grau da própria autoestima linguística: recusar com veemência os velhos argumentos que visam menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. Parar de acreditar que “brasileiro não sabe português”, que “português é muito difícil”, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas “falam tudo errado”. Acionar nosso senso crítico toda vez que nos deparamos com um comando paragramatical e saber filtrar as informações realmente úteis, deixando de lado (e denunciando, de preferência) as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes (BAGNO, 2007, p. 115).

O autor enfatiza a relevância do senso crítico. Os falantes devem estar

equipados para rejeitar afirmações preconceituosas e autoritárias, reconhecer essas afirmações, denunciá-las e promover compreensão inclusiva e respeitosa da diversidade linguística. Destaca, ainda, a necessidade de empoderamento linguístico e de rejeição de preconceitos e estereótipos.

Hoje, mais do que nunca, é essencial incorporar a heterogeneidade dos alunos, reconhecendo e celebrando as maneiras de fala, os sotaques e regionalismos. Esta abordagem não é uma questão de respeito à diversidade cultural e linguística, mas uma estratégia pedagógica crucial para um ensino inclusivo. É imperativo que os educadores incorporem a riqueza linguística em suas salas de aula, transformando-a em ferramenta pedagógica de ensino. Ao integrar essas diferentes expressões linguísticas no currículo, preparamos os alunos para um mundo onde a aptidão de entender e respeitar diferentes perspectivas culturais e linguísticas é fundamental.

Bagno (2015, p. 281-282):

Na prática pedagógica, é muito importante que a(o) docente esteja atento(a) aos mecanismos de discriminação que podem ser ativados com base nos sotaques de seus alunos. Principalmente quando a sala de aula é mais homogênea, com alunos nascidos num mesmo lugar, é muito comum ocorrer atitudes de zombaria diante de alunos provenientes de outras regiões. Uma escola democrática e democratizadora tem de respeitar a diversidade linguística e impor esse respeito na formação de seus alunos.

O autor aborda tema de extrema relevância no contexto educacional contemporâneo: consideração à diversidade linguística e a atenção aos mecanismos de discriminação baseados em sotaques. Ao mencionar os mecanismos de discriminação, chama a atenção para a necessidade de os docentes estarem preparados para combater qualquer forma de zombaria relacionada ao sotaque dos alunos. A discriminação linguística pode ter impactos negativos no desenvolvimento acadêmico e emocional do aluno, afetando a autoestima e o desempenho escolar. A “escola democrática e democratizadora” sugere ambientes de aprendizagem inclusivos, onde todos, independentemente de sua procedência ou sotaque, se sintam acolhidos e respeitados. Esse tipo de ambiente favorece o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo a empatia, o respeito mútuo e a coesão social.

Bagno (2015) reforça “da parte do professor em geral, e do professor de língua em particular, essa mudança de atitude deve se refletir na recusa de dogmas na adoção de uma nova postura (crítica) em relação a seu próprio objeto de trabalho.” Por

fim, destaca a responsabilidade da escola em "impor esse respeito na formação de seus alunos". Isso sugere que, além de promover um ambiente de aprendizagem inclusivo, a escola tem o papel de formar cidadãos conscientes, críticos e respeitosos, que valorizem a diversidade em todas as suas formas.

A conscientização é um recurso poderoso. Ao ensinar aos discentes a reconhecer e questionar seus próprios preconceitos, estarão mais bem equipados para desafiar e mudar noções prejudiciais. A escola tem o potencial de ser um espaço onde os preconceitos são identificados e combatidos.

Para LAPERUTA-MARTINS (2017), a linguagem é carregada de ideologia. "A tentativa de neutralizar o discurso, de deixar a linguagem em um lugar onde sua função seja apenas comunicar, é, em si, uma manifestação dessa ideologia". A ideologia (BRITTO 2002, apud LAPERUTA-MARTINS, 2017, p. 310), "é uma expressão de um pensamento hegemônico que constrói formas de impor uma representação da realidade, de vê-la ou de desfazê-la por vieses particulares", parafraseando Chauí (1995) muitas vezes mascarando a realidade social para legitimar a exploração e a dominação.

Segundo a pesquisa mencionada, o preconceito linguístico não é somente uma questão de "certo" ou "errado". É uma manifestação de poder nas relações econômicas e sociais. Aqueles que detêm o poder estabelecem uma norma linguística, considerada "correta" ou "cultuada", usada para marginalizar e discriminar aqueles discordantes dela.

O preconceito linguístico, que é a discriminação de sujeitos, grupos ou classes pelo modo como falam (em fatos: dar risada, dizer que se fala errado marginalizar, ofender, sentir dó de alguém pela variedade falada que não corresponde ao estabelecido socialmente) (LAPERUTA-MARTINS, 2017, p. 315).

Esta forma de preconceito, embora menos discutida do que outras formas de discriminação, é enraizada em estruturas sociais e tem implicações significativas para a coesão e justiça social.

A escola desempenha papel crucial na reprodução dessas ideologias. A teoria da Escola como Aparelho Ideológico do Estado sugere que a educação é usada para reproduzir a sociedade de classes e reforçar o modo de produção capitalista (LAPERUTA-MARTINS, 2017). Assim, o preconceito linguístico na escola não se restringe a uma questão de ensinar gramática ou correção linguística, é uma forma de

perpetuar desigualdades sociais e hierarquias de poder.

Laperuta-Martins (2017): a linguagem é profundamente ligada à identidade. O modo que falamos reflete nossa origem, cultura, educação e experiências de vida. Quando alguém é ridicularizado ou marginalizado por sua fala, uma rejeição de sua identidade histórica. Ridicularizar qualquer indivíduo, dizer que fala "errado" ou sentir pena por não se adequar à norma reforçam estereótipos e perpetuam desigualdades.

O preconceito linguístico tem implicações reais, afeta oportunidades de emprego, progressão na carreira e acesso à educação. Alguém que fala de maneira "não padrão" pode ser visto como menos competente, menos educado ou menos digno de respeito, independentemente de suas habilidades ou qualificações reais.

A pesquisa de Laperuta-Martins destaca a relevância da educação na luta contra o preconceito linguístico. Ao introduzir conceitos de sociolinguística e aplicar a pedagogia de Paulo Freire, demonstra haver possibilidade de mudar a postura e o reconhecimento dos professores e alunos sobre a existência e malefícios do preconceito linguístico.

## **4 MÉTODO**

Nesta seção, é apresentado o delineamento da pesquisa, assim como as técnicas para obter os dados que contribuíram na elaboração do trabalho.

Na fundamentação teórica, utilizamos a pesquisa exploratória-descritiva e participativa através da revisão de estudos acerca da temática.

Para a proposição interventiva, delimitamos pesquisa *in loco* de natureza qualitativa. Foi aplicado questionário semiestruturado, acompanhado de entrevista. Em seguida, foram realizadas rodas de conversa com os participantes, para conferir suas experiências, dificuldades e descobertas com a temática.

Foram feitas triangulação das informações obtidas, com leitura integral, interpretação e transcrição dos registros e da tabulação dos dados em quadros e gráficos.

### **4.1 Enfoque e Alcance da Pesquisa**

Adotamos um enfoque qualitativo, integrando uma revisão de estudos relevantes sobre o preconceito linguístico no contexto educacional. Realizamos uma revisão da literatura focada principalmente no ambiente educacional para compreender as principais teorias, estudos e práticas pedagógicas voltadas ao enfrentamento desse fenômeno. Determinando o alcance dissertativo, retornamos ao ambiente escolar real, conduzindo uma pesquisa empregando técnicas de pesquisa participante. Esse método nos permitiu explorar, de forma descritiva e narrativa, como o preconceito linguístico se manifesta no cotidiano escolar e identificar práticas eficazes para seu enfrentamento na Escola Municipal de Ensino Infantil Fundamental Raimunda Rodrigues Mota.

### **4.2 Contexto da pesquisa**

O projeto de intervenção "A escola no combate ao preconceito linguístico", foi aplicado em uma escola com Supervisão Militar Educacional (SUME), EMEIF Raimunda Rodrigues Mota, localizada no município de Altamira no Estado do Pará, o que para mim professor/pesquisador foi visto com bastante particularidade e cuidado,

pois estava iniciando minha docência em um espaço pedagógico novo, pois a escola em que iniciei a pesquisa EMEF DOM Clemente Geiger encerrou suas atividades educacionais sem nenhuma explicação plausível por parte da Secretaria Municipal de Educação e também pelo gestor deste município o que me deixou bastante preocupado, haja vista que automaticamente fiquei sem carga horária e sem minha turma iniciante da pesquisa. E para me deixar mais apreensivo o ano letivo já tinha iniciado e precisava urgentemente de uma escola para recomeçar meu trabalho de pesquisa, após incansáveis andanças à Semed consegui minha lotação em uma escola as margens da Rodovia Federal Transamazônica (BR 230), bastante distante da zona urbana.

O desafio dessa nova escola foi maior, pois apresenta um perfil mais conservador, autoritário, ou seja, mais tendente ao preconceito e além disso a minha pesquisa vai dialogar com a escola pautando a língua como objeto de ensino e não como um ensino homogêneo, prescritivo gramatical, que mecaniza a aprendizagem. Portanto, tenho à minha frente mais um formato de homogeneização autoritário no chão da escola com regras rígidas para gerenciar a educação de crianças e jovens que já têm que aprender uma norma padrão aparelhada na tradição gramatical do bem escrever e do bem falar dissociada, portanto, da situação real da produção de sua língua.

O desafio será bem maior, pois a escola com supervisão militar, onde desenvolvi a pesquisa, nas minhas primeiras observações e impressões apresenta um perfil e um formato diferenciado no que tange ao comportamento dos alunos e também dos professores e especialmente sobre sua supervisão militar educacional (SUME), através de seu coordenador, que ao ser apresentado ao nosso trabalho de pesquisa mostrou-se receptivo recebendo o questionário para participar também do trabalho científico. Porém não entregou suas respostas e nem participou de nenhuma roda de conversa o que me causou estranheza e me fez levantar algumas afirmações, principalmente depois de ouvir de meus alunos que os militares, durante suas atividades na escola denominavam nosso trabalho de pesquisa sem fundamento, que isso tudo era uma “grande besteira.” A principal afirmação é que a pedagogia militar é totalmente incompatível com o conceito que temos em nossa tradição escolar, o que tornaria nosso trabalho de pesquisa mais desafiador e ao mesmo tempo mais

incentivador para fazer um trabalho que quebre as amarras de um paradigma reacionário sob a égide da disciplina e da hierarquia. A dinâmica escolar militarizada pelo que percebi nos primeiros contatos pedagógicos está centrada no que eles chamam de qualidade da educação brasileira, mas que na verdade se traduz na doutrinação e na manutenção reacionária de um sistema oposto à gestão democrática da escola pública. O projeto foi aplicado na escola em que leciono e com os alunos em que trabalho no horário de aula normal.

### **4.3 Planejamento da Pesquisa**

O planejamento da pesquisa objetivou observação do fenômeno empírico tal como acontece no contexto.

O projeto de intervenção “A escola no combate ao preconceito linguístico” será dividido em três etapas: 1ª) Diagnóstico situacional; 2ª) Rodas de conversa; e produções de redações pelos alunos participantes da pesquisa acerca do tema do projeto.

Para tanto, elegeram-se as seguintes estratégias:

- ✓ diagnóstico situacional na escola para entender como a instituição aborda assuntos polêmicos como o preconceito. O diagnóstico foi realizado por aplicação de questionário antes e depois da pesquisa, aos alunos da turma do nono ano C. As entrevistas realizadas com as pessoas envolvidas em defesa da Educação Qualitativa e Inclusiva ocorreram por necessidades de buscar informações para o enriquecimento do tema, as entrevistas aconteceram em horários e locais determinados conforme a disponibilidade no cronograma de atividade;
- ✓ Rodas de conversa. Para essa atividade, foram convidados o gestor da escola, professores, coordenadores, secretários, profissionais de serviço geral e alunos da turma 9º ano C. As rodas de conversa foram conduzidas por mim ou por convidados aptos a discutir a temática proposta. Foram organizadas cinco rodas de conversa iniciadas no mês de março e finalizadas no mês de maio de 2023.

#### **4.4 Sujeitos da pesquisa**

A pesquisa apresentou proposta de intervenção destinada aos professores, colaboradores e alunos do 9.º ano, turma C, do turno vespertino do ensino fundamental dos anos finais, da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Raimunda Rodrigues Mota. Eles foram distribuídos em dois grupos.

Grupo 1 – Alunos: A turma conta com 35 alunos matriculados, todos foram convidados formalmente por meio dos termos de assentimento livre e esclarecido e do termo de consentimento livre e esclarecido, direcionados aos pais dos alunos. A faixa etária varia entre 13 e 17 anos.

Grupo 2 – Rodas de Conversa: grupo composto por 35 alunos, 5 professores, 3 coordenadores pedagógicos, 1 diretora e 4 colaboradores, todos atuam na EMEF Raimunda Rodrigues Mota, mais os convidados palestrantes.

#### **4.5 Instrumentos de Coletas de Dados**

A coleta de informações se deu pela aplicação dos instrumentos para o tipo de abordagem, os instrumentos usados nessa pesquisa foram: formulários de questões abertas e fechadas, entrevista semiestruturada, que dá mais liberdade ao entrevistado; entrevista com perguntas subjetivas, objetivas e mistas, possibilitando levantar-se mais dados.

Com as entrevistas semiestruturadas com professores e alunos, a investigação buscou capturar as percepções e experiências desses indivíduos no que diz respeito ao preconceito linguístico. Segundo Gerhardt et. al. (2009, p. 72), este tipo de entrevista “permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal”. As rodas de conversa, observações participantes, perspectiva da dinâmica do ambiente escolar e das interações linguísticas cotidianas.

As aferições dos dados coletados em campo visaram identificar padrões e temas, enriquecer e contextualizar os conceitos, culminando em recomendações pedagógicas para, de forma geral, conscientizar os educandos a respeito, não apenas da variação, mas principalmente do preconceito linguístico.

Os formulários foram aplicados aos alunos, um antes e outro depois do projeto de intervenção, complementados pelas ricas discussões acerca das temáticas trabalhadas e debatidas com os envolvidos na pesquisa em questão.

#### **4.6 Procedimentos – observação participativa**

Para realização dos registros dos dados foi necessário visitar, observar e fotografar a dependência da escola e coletar informações necessários para análise e enriquecimento da pesquisa, encontros com os profissionais em educação Diretora, Coordenadores Pedagógicos, professores, e colaboradores para explicar e solicitar que respondessem os questionários sobre preconceito linguístico.

A observação participativa colabora para a compreensão de atos que não foram contemplados no roteiro de entrevista, “a técnica de observação participante ocorre pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno observado. Obtém informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (GERHARDT *et. al.*, 2009, p. 75).

Essa técnica de observação, segundo os autores acima permite captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas. Os fenômenos são observados diretamente na própria realidade.

## 5 O PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Nesta seção, detalharemos um projeto de intervenção pedagógica destinado a combater o preconceito linguístico.

Este projeto será estruturado em três linhas de ação. As etapas incluem a divisão dos participantes em grupos, a aplicação de formulários com questões semiestruturadas, a realização de rodas de conversa e produções de redações pelos alunos sobre a temática em questão.

Essas ações têm como objetivo conduzir os envolvidos a uma reflexão crítica sobre as formas de combate ao preconceito linguístico no ambiente educacional, com ênfase no contexto prático e aplicado dentro do ambiente escolar.

### 5.1 A escola no combate ao preconceito linguístico

A intervenção didática “A escola no combate ao preconceito linguístico” foi embasada na Sociolinguística Variacionista.

Tal proposta apresenta o objetivo de analisar e compreender como ocorre o preconceito linguístico no ambiente escolar e o impacto disso no desempenho e bem-estar dos estudantes. As atividades permitem discussões sobre a maneira de ensinar o português nas escolas e como os alunos lidam a respeito do efeito entre a língua e a sociedade.

Essa inovação em sala de aula visa permitir que os alunos, de forma crítica e responsável, reflitam sobre questões relevantes acerca dos diferentes usos da linguagem presentes na sociedade contemporânea, respondendo aos desafios educacionais do Brasil atual. Isto considera princípios fundamentais da construção de uma educação linguística focada nas práticas sociais mediadas pela linguagem, um dos objetivos do Profletras.

Programa de dimensão extraordinária que tem como finalidade precípua a capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país, por meio da formação qualificada de docentes da rede pública de ensino<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://sigaa.ufopa.edu.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt\\_BR&id=874](https://sigaa.ufopa.edu.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt_BR&id=874)  
Acesso em: 21 nov. 2023.

O projeto realiza discussão sobre a função da escola no combate ao preconceito linguístico. Pretende-se apresentar a constituição histórica do português brasileiro, articulada ao processo econômico-social de formação do país, para melhor compreensão das diferenças linguísticas (sociais, regionais, de gênero, etárias). O objetivo foi analisar e compreender como ocorre o preconceito linguístico no ambiente escolar e seu impacto no desempenho e bem-estar dos estudantes.

As variantes linguísticas têm sido questionadas nas escolas e nos meios sociais como fonte geradora de preconceito. A realização deste projeto é essencial para entendermos e defendermos que a diversidade linguística e cultural precisa ser respeitada e valorizada, pois é uma marca identitária.

A variação linguística não pode ser vista como problema. Lucchesi (2015) explica que a linguagem verbal está no cerne da condição humana, sendo o meio privilegiado para todas as relações humanas. Ressalta que, para funcionar dessa maneira, a língua é estruturalmente variável: “há sempre mais de uma maneira de dizer a mesma coisa” e isso não compromete o funcionamento da língua; ao contrário, a enriquece. Segundo o autor, existe grande desconhecimento sobre a realidade da língua na sociedade devido à predominância da visão tradicional, eminentemente normativa. Esta visão estabelece o que é certo e o que é errado, pesando socialmente, mas falhando em retratar a pluralidade da língua, que reflete a diversidade cultural da sociedade.

Faraco (2005, p. 31):

Um dos desafios, portanto, para quem começa a estudar a história das línguas é justamente aprender a lidar com a realidade heterogênea das línguas humanas. Isso, no mais das vezes, exige um rompimento radical com a imagem da língua cultivada pela tradição gramatical e veiculada pela escola, imagem que homogeneiza a realidade linguística, cristaliza uma certa variedade como a única, identificando-a com a língua e excluindo todas as outras como “incorretas”. (Grifo do autor).

Possenti (2008, p.17), sobre o ensino de português: “nada será resolvido se não mudar a concepção de língua e de ensino na escola”. A reflexão sobre a diversidade linguística não pode se restringir ao âmbito acadêmico, sendo necessário olhar crítico e sensível às questões sociais. É fundamental desconstruir os estereótipos linguísticos, valorizando todas as formas de expressão linguística, de

modo a construir uma sociedade inclusiva e equitativa.

Variantes linguísticas são reflexos das distintas realidades socioculturais, não sendo formas "erradas" ou inferiores de comunicação. Menosprezar as variedades gera impacto negativo na autoestima e na confiança dos alunos, reforçando estereótipos e contribuindo para a exclusão.

BNCC (2018, p. 81):

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado.

Ressalta a relevância de reconhecermos que tais fenômenos são inerentes à língua e estão presentes em todos os níveis de análise linguística. O ponto principal é a necessidade de considerar a diversidade linguística, especialmente as diferentes variedades, e de nos dedicarmos sobre o valor social atribuído a elas.

A análise linguística não pode se limitar à descrição dos diferentes dialetos ou formas de expressão. É imprescindível contemplarmos a maneira como as variedades são socialmente avaliadas. Aqui entra em cena o fenômeno do preconceito linguístico, um conjunto de atitudes discriminatórias ou estigmatizantes direcionadas a determinadas variedades linguísticas.

Mussalim e Bentes (2012, p. 44):

Para a Sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, neste aspecto, o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo.

A necessidade de um projeto que aborde o preconceito linguístico no chão da escola. Esta realidade reafirma a importância de se realizar intervenções em estudos linguísticos nesta região, buscando proporcionar aos alunos da Escola Municipal Ensino Infantil e Fundamental Raimunda Rodrigues Mota acesso a mudanças significativas no ensino de linguagem e a projetos inovadores.

Este instrumento amplifica respostas rápidas, otimiza o tempo e viabiliza a

coleta de quantidade significativa de dados, resultando em método prático e eficiente.

Tarallo (1994), este modelo de pesquisa é rotulado como sociolinguística quantitativa por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

Com relação aos questionários as informações dos participantes referendaram situações vivenciadas por eles, na comprovação do preconceito linguístico na escola e entre os falantes brasileiros, apresentando respostas de suas vivências fora dos muros da escola.

Seguindo a metodologia da pesquisa, a segunda etapa do projeto de intervenção foram as “Rodas de conversa” que teve como escopo contribuir com a educação linguística democrática e respeitosa, ensinando a língua a partir da diversidade que ela opera ressaltando, também, a a grande importância das variedades linguísticas que apontam para a heterogeneidade dos falares de nossos alunos, rejeitando toda e qualquer forma modelo de língua monolítica. As Rodas de conversas aconteceram no mês de março de 2023 e foram concluídas no mês de maio do mesmo ano.

Antes de iniciarmos as nossas rodas de conversa o professor EWSS, de língua portuguesa me disse que era cultura da escola nominar toda projeto referente ao ensino de língua. Então, olhando os projetos anteriores desenvolvidos com os alunos um deles me chamou a atenção: “café com linguística” e ao mesmo tempo clarificou a ideia que estava pensando, então em reunião com os alunos participantes da pesquisa decidimos que a escolha de um nome para abrilhantar nossas rodas de conversa era imprescindível. Fizemos uma divisão de pequenos grupos para criação e escolha do nome que iniciaria nossas atividades nessa segunda etapa da nossa metodologia. O nome escolhido pelos alunos por fazer referência aos nossos tempos de aula que eram nos finais de tarde foi o seguinte: Chá com linguística, porém a nossa linha de trabalho está pautada na sociolinguística e então começamos a desenhar o nome final das nossas rodas de conversa e depois de muitas ideias e conversas criamos através de um neologismo o termo “Chaciolinguística” o qual foi aprovado recebendo aplausos de todos presentes. A nossa primeira roda de conversa contou com a presença de todos os trinta e cinco alunos titulares da pesquisa, uma turma convidada do oitavo ano por um dos professores participantes do trabalho científico, a diretora, cinco professores, um coordenador pedagógico, e em forma de

revezamento o pessoal de apóio, pois tinham que cumprir suas obrigações na escola.

No tema 01: **Brasil, um país de diversidade e desigualdade**: nessa roda de conversa, participaram os trinta e cinco alunos envolvidos na pesquisa, uma turma do oitavo ano convidada por um professor, a diretora, cinco professores, um coordenador pedagógico e o pessoal de apoio, que se revezou devido às suas obrigações escolares. Apresentamos a formação histórica do Brasil, responsável pelas desigualdades sociais; como texto-base, utilizamos a obra de Dante Lucchesi, que articula a constituição do português brasileiro ao processo econômico-social de formação da nação brasileira. Explanamos os conceitos de sociolinguística e polarização sociolinguística. Mostramos como se consolidou a polarização entre língua e sociedade no Brasil.

O Professor EWSS na sua fala foi bastante enfático, expondo o seu pensamento como professor e pai, um dia ver a escola direcionando com propriedade a sua força progressiva que é inata a ela, garantindo as classes mais desfavorecidas a aquisição do conhecimento como instrumento de transformação social, onde todos se respeitem e busquem uma sociedade mais igualitária, humana e mais justa.

O Professor ASA após a pergunta de alguns alunos querendo saber o significado de polarização muito utilizada na fala de Lucchesi, pediu a palavra para explicar e exemplificou citando as eleições presidenciais entre o nosso presidente Lula e o outro candidato. Demos continuidade a roda de conversa com a letra da música “Língua” de Caetano Veloso e, posteriormente, ouvimos a canção. Isso despertou em alguns alunos a curiosidade para saber o significado daqueles jogos de palavras que apontam nossos usos, costumes, variedades de fala, nossos passados e futuros, isto é, ficaram eufóricos para saber mais sobre o assunto ora abordado. Acalmei-os dizendo que a canção faria parte de todas as nossas rodas de conversa e que, durante o andamento dos encontros temáticos, alguns trechos seriam interpretados e comentados.

Em seguida, ouvimos novamente e percebi que gostaram muito do refrão: “Flor do Lácio sambódromo Lusamérica latim em pó, o que quer, o que pode essa língua?”, no ritmo abrasileirado do samba, onde alguns até arriscaram uns passos.

Além da turma da pesquisa (9º ano), uma turma do 8º ano foi convidada para participar das rodas de conversa pelo Professor EWSS, que trabalha conosco na

escola. graduado em Letras, pós-graduado em Letras, Linguística e Artes, e mestrando em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena. é um dos palestrantes e colaboradores em todos os nossos encontros temáticos e abraçou nosso projeto de intervenção com empenho, determinação e competência.

No primeiro encontro, trabalhamos como texto-base o livro “Língua e Sociedades Partidas” (LUCCHESI, 2015). Apresentamos a formação histórica do Brasil (escravização de africanos e índios), responsável pelas desigualdades sociais, e os efeitos da lusitanização da norma padrão no Brasil, gerando a polarização sociolinguística. Originada pela migração rural para a cidade (industrialização), preconizava escolarização universalizada, privilegiando pequeno grupo que tinha direito a uma escola elitizada, em detrimento de outro grupo marginalizado por suas condições socioeconômicas. Daí a origem de uma norma popular, distinta da norma culta, que foi se afastando da chamada norma padrão.

Depois das explicações feitas, os alunos estavam compreendendo o significado da questão socioeconômica e a língua no que tange à fala popular e ao que está escrito no livro de gramática.

As perguntas: Como eles deixaram isso acontecer com sua forma de falar, se eles eram a maioria? Por que os portugueses vieram para o Brasil? E por que eles tinham interesse em mudar as línguas que aqui já existiam? Os indígenas já moravam aqui no Brasil, e como eles descobriram o Brasil? Professor, o senhor acha que eles falam melhor do que nós? Por que eles falam português e nós também? Se eles falam português, não precisava ter mudado nada, ficava de boa, não é? Quer dizer que eu só sei falar português se eu souber as regras?

"Agora bem aí"...

Após os questionamentos respondidos e debates, apresentamos slides mostrando os dois processos que formam a polarização sociolinguística (extermínio dos povos indígenas e a escravização dos povos africanos), relacionando os fatos históricos ao preconceito linguístico que tem em sua gênese viés racial. E que a maneira de dizer a mesma coisa não afeta o funcionamento da língua, mas sim reforça que ela é mais do que um mero sistema de comunicação.

A linguagem popular, que emerge do uso da grande maioria da população do país, desprovida de educação formal e de outros direitos de cidadania, está enraizada

na base da sociedade brasileira e tem um valor inestimável para o processo comunicativo e convivência em sociedade. Ter acesso a outras formas da língua garante que todos tenham acesso às variadas perspectivas de compreender e utilizar a língua como uma ferramenta democrática na interação com indivíduos de distintos níveis sociais e culturais. O trecho comentado da música de Caetano Veloso, "... E deixe os portugueses morrerem à míngua. Minha pátria é minha língua. Fala, Mangueira! Fala" revela que somos independentes, temos nossas versões da língua portuguesa, e isso nunca poderá ser retirado. Enquanto isso, Portugal continua observando nossa multiculturalidade linguística.

Depois da nossa roda de conversa, organizamos nossa primeira "chaciolinguística", quando todos celebraram o momento de estarem participando de uma pesquisa embasada teoricamente pela sociolinguística, rompendo com paradigmas tradicionais e prescritivos do ensino de língua e sociedade, e aprendendo que nosso país é rico em variantes linguísticas. Posteriormente, retomamos as atividades, produzindo redações sobre o tema abordado na roda de conversa.

No tema 02: **Preconceito, precisamos falar sobre isso**, debatemos o significado de preconceito e seus tipos. Trabalhamos com o texto "Entendendo o preconceito. O que é preconceito", de Marcos Bagno. O objetivo é propiciar uma discussão na qual os alunos do oitavo ano (convidados para as rodas de conversa) e a turma da pesquisa (nono ano) possam perceber o preconceito em suas diversas facetas e entender como a língua é um instrumento de julgamento, enfrentando preconceitos de diversas formas.

A nossa palestrante convidada foi a professora da rede de ensino público (municipal e estadual) Mônica Brito, feminista negra, militante e ativista dos movimentos negros de Altamira, coordenadora do coletivo de mulheres negras Maria, Maria e defensora dos direitos humanos e da Amazônia.

Mônica tratou do estatuto da igualdade racial, história e cultura indígena, ensino nas escolas sobre a cultura afro-brasileira, racismo, feminismo, homossexualidade, destacando que em 2002 ocorreram avanços importantes traduzidos em legislação e políticas públicas de combate às desigualdades. Os alunos ouviram atentos e entusiasmados as narrativas e vivências compartilhadas pela professora Mônica e das vitórias alcançadas. Após suas explanações, os alunos, sem hesitação, fizeram

inúmeros questionamentos à palestrante, que com sabedoria e paciência atendeu a todos. Nesta ocasião, uma das alunas participantes, relatou emocionada que em uma outra escola que estudava aconteceu em sua sala do 5.º ano uma atividade de Artes, um momento de encenações onde os alunos naquele momento seriam os atores em suas peças teatrais e uma das meninas de seu grupo era “negra”. Durante as distribuições dos papéis na peça tinha o de princesa, o qual foi atribuído a aluna negra, inesperadamente uma de suas coleguinhas falou com um tom mais alto: - Seu lugar não é aqui! Segundo a aluna relatante a professora não tomou nenhuma providência sobre o caso.

Na segunda parte da roda de conversa, abordamos o tema central da pesquisa, “o preconceito linguístico”, e o trecho da música de Caetano (“Língua”) que trabalhamos foi: *“Nós canto-falamos como quem inveja negros // Que sofrem horrores no Gueto do Harlem // Livros, discos, vídeos à mancheia // E deixa que digam, que pensem, que falem”//*.

No final do encontro, aconteceu uma socialização informal entre os alunos e a nossa palestrante, queriam saber mais sobre as lutas sociais e o engajamento de relevância política e social. O objetivo do encontro estava produzindo resultados surpreendentes em tão pouco tempo, a postura dos alunos em relação à primeira roda de conversa estava mais “madura” e interesse pelos trabalhos desenvolvidos até aqui. Logo após, voltamos às atividades, com produções redacionais acerca do tema proposto.

No tema 03: **Português: um idioma cheio de diferenças**, apresentamos a origem da língua portuguesa e as variedades desse idioma. Como texto-base, utilizamos a “Nova gramática do português brasileiro” de Ataliba T. De Castilho. A roda de conversa teve como palestrante o Professor EWSS, que iniciou o encontro dando enfoque à história da formação da língua portuguesa, sob o ponto de vista social e cultural.

Apresentamos a língua como sistema evolutivo de comunicação e, para compreendê-la no que diz respeito à história da língua portuguesa, faz-se necessário um mergulho histórico-geográfico, desde sua origem até sua implantação no Brasil.

Iniciamos a conversa apenas com os alunos do 9.º ano, os alunos convidados (oitavo ano) estavam em atividade avaliativa com outro professor. Primeiramente,

fizemos a pergunta: "Vocês sabiam que a base da língua portuguesa vem do latim? E que não apenas o português, mas também o francês, italiano, espanhol e romeno têm essa origem?" Os alunos perguntaram muito como nossa língua portuguesa é considerada brasileira e tem origem no latim e nós não falamos latim e também quiseram saber o porquê de nossa língua ser chamada "flor do lácio? Logo em seguida o professor pesquisador fez as explicações necessárias e didáticas, explicando passo a passo da exuberante história da língua portuguesa.

Percebemos, após a pergunta, o total desconhecimento sobre a origem de nossa língua, o que confirmou o que já sabíamos como professores de língua portuguesa: grande parte da sociedade brasileira desconhece a origem da língua que fala.

Por que nossa língua é oriunda do latim? Por que temos palavras de origem grega, germânica, árabe e de outras línguas? Continuamos com os questionamentos para aguçar a curiosidade dos alunos. Destacamos que os romanos ocuparam a Península Ibérica através de conquistas militares e impuseram aos vencidos seus hábitos, instituições, padrões de vida e sua língua, refletindo sua cultura. Explicamos que o latim tinha duas modalidades: o latim vulgar e o latim clássico. O primeiro era falado por aqueles que usavam a linguagem cotidiana, sem preocupações estilísticas, apresentando variedades linguísticas. Já o latim clássico era caracterizado pela erudição e pelas produções textuais de pessoas ilustres e escritores, sendo uma linguagem mais complexa e elitizada.

Portugal ficou conhecido pelas grandes navegações que realizou. Nos séculos XV e XVI, através dos movimentos colonialistas e de propagação do catolicismo, Portugal espalhou a língua portuguesa pelo mundo.

Mostramos que a língua portuguesa está presente em diversos países e é adotada como língua oficial em Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Macau, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Apesar de apresentar pronúncias diferentes, vocábulos próprios e modificações gramaticais, mantém uma unidade linguística nos países em que é língua oficial e nas demais regiões do mundo onde está presente.

Em cada lugar por onde o português passou, ele evoluiu e se modificou de acordo com o contexto histórico. No Brasil, a língua portuguesa foi introduzida no

século XVI através do "descobrimento". O português era imposto às línguas nativas que aqui existiam como língua oficial ou se modificava, dando origem a outros dialetos.

Quando os portugueses desembarcaram na costa brasileira, estima-se que havia cerca de 1.200 povos indígenas, falantes de aproximadamente mil línguas diferentes. Além dessa diversidade étnica e linguística, foram trazidos ainda cerca de 4 milhões de africanos de diversas culturas para trabalhar como escravos. Essa pluralidade linguística e cultural fortaleceu as bases da construção da identidade do português brasileiro. Evidenciamos no trecho da música "Língua" de Caetano que nossa língua ficou conhecida como "Última Flor do Lácio", fazendo referência ao fato de a língua portuguesa ser a última língua neolatina formada a partir do latim vulgar – falado pelos habitantes da região italiana do Lácio.

**"Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó, o que quer, o que pode essa língua?"**

As referências apresentadas sobre a história da língua portuguesa mostraram aos alunos que a nossa língua não é um bloco monolítico e que a escola deve ampliar os conhecimentos linguísticos dos alunos, aumentando a noção de língua, que muitas vezes se apresenta reduzida ao ensino de regras e conceitos gramaticais. Isso não significa que o ensino da norma culta não seja relevante, pois também faz parte das variantes e da história da nossa língua portuguesa. Após as explicações, orientamos os alunos para as produções redacionais sobre o tema em foco.

No tema 04: **Variação linguística: por que a diferença incomoda?** discutimos o fenômeno da variação linguística, inerente a todos os sistemas linguísticos, e o desconforto que as diferenças linguísticas causam na sociedade.

O texto-base trabalhado foi "Norma Culta e Variedades Linguísticas" de Roberto Gomes Camacho. Para a roda de conversa, convidamos nossa colaboradora de serviços gerais, Rosaly da Silva e Silva, como palestrante. Ela conta muitos "causos" vividos na escola e, por diversos fatores linguísticos e sociais, não utiliza variantes consideradas culta. Como responsável pela pesquisa, observei a maturidade apresentada pelos alunos envolvidos, respeitando e reconhecendo a variação linguística como singular dentro de um processo diversificado. Eles entenderam a imposição da escola em padronizar a língua. Discutimos a relação entre língua e sociedade, visando não só respeitar as individualidades de fala, mas também

reconhecer e divulgar a variação como instrumento de conscientização. Logo após, destacamos que nenhuma língua no mundo é homogênea e uniforme e que todas apresentam variantes em seus níveis estruturais e contextos sociais diversificados. Abordamos a importância da variação linguística no processo comunicativo e a Professora FLS explicou que em uma cidade de Minas Gerais (Diamantina) o vocábulo “mulher” tem significado pejorativo, significando mulher da vida (mulher que não presta). Ela disse que percebeu que aqui na nossa cidade de Altamira é muito usual esse termo sendo utilizado até para crianças, exemplificou: Toma logo esse mingau, mulher preciso trocar logo tua fralda. A professora PMMB também relatou para uma mãe que tinha brigado com seu filho. A mãe ficou revoltada, pois entendeu que a professora tinha agredido, batido em seu filho. Depois de muita conversa a direção da escola explicou que o significado de brigar, era simplesmente chamar atenção, conversar com o aluno.

Os alunos perceberam como o desconhecimento da história da língua e da variação linguística reforça um padrão normativo tradicional sustentado pelo aparelho ideológico estatal, que é a escola, intensificando o preconceito linguístico. Trabalhamos com um trecho da música de Caetano Veloso e, em seguida, orientamos os alunos para atividades redacionais, mostrando que, apesar de a escola, muitas vezes, negligenciar a linguagem materna dos alunos, é uma instituição que deve valorizar a cultura e promover o respeito à diversidade.

No Tema 05, discutimos o **Preconceito linguístico: o que é e como se faz** de Marcos Bagno (1999). Abordamos o significado do preconceito linguístico e a importância de reconhecer as variedades linguísticas para um ensino eficaz e inclusivo. O Professor EWSS, colaborador e palestrante em nossas rodas de conversa, promoveu intercâmbio entre turmas, visando a socialização e a compreensão sobre as variedades linguísticas. Iniciamos as atividades revisando discussões anteriores para enfatizar a riqueza e diversidade da língua portuguesa e os desafios que enfrentamos ao priorizar apenas a norma padrão. Em seguida, exploramos os "Oito mitos" sobre a língua portuguesa no Brasil, baseados na obra de Marcos Bagno.

Os alunos demonstraram mais conhecimento acerca de nossa língua e também do preconceito linguístico que criou raízes sem base científica e preconceituosa de

que existe variedades linguísticas melhores que outras e além disso perceberam que a escola, professores e educadores tenham que reformular (repensar) o seu verdadeiro papel dentro de uma sociedade multifacetada que permita o verdadeiro protagonismo da participação cultural e política de nosso povo. A professora SAMSJ pediu um momento de fala e disse que trabalhava com seus alunos do 6º ano sobre a variação linguística e ao mesmo tempo pediu para apresentar um material pedagógico sobre o tema, o que foi gentilmente atendida, depois de sua apresentação a professora foi bastante aplaudida e parabenizada por todos.

Trabalhamos o trecho da música "Língua" de Caetano, enfatizando que a linguagem, dada a sua própria natureza de lei, sempre demonstrará o poder dominante sobre o grupo de falantes dominados. Dessa forma, retomamos novamente o tema das lutas de classes e a ideia de que a língua nacional não é mais superior que a língua estrangeira.

“Incrível, é melhor fazer uma canção  
 Está provado que só é possível filosofar em alemão  
 Se você tem uma ideia incrível  
 É melhor fazer uma canção  
 Está provado que só é possível filosofar em alemão  
 Blitz quer dizer 'corisco'  
 Hollywood quer dizer 'Azevedo'  
 E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo”

Finalizamos a última roda de conversa mostrando a importância de combater o preconceito linguístico e ressaltando que cada um presente é um falante competente de sua língua materna, precisando apenas direcionar as habilidades de uso ao seu contexto comunicacional. Logo em seguida, “caetaneamos” a música "Língua", que foi trabalhada em todas as nossas rodas de conversa. Foi uma grande festa, acompanhada da nossa tão esperada “Chaciolinguística” (chá com sociolinguística), onde promovemos uma vasta confraternização de conhecimentos e amizades.

Em relação aos discentes, observamos a ruptura com o paradigma estrutural de uma língua uniforme. O aprendizado decorrente da experiência da pesquisa e o entusiasmo em aprender a língua portuguesa por meio de um novo olhar sociolinguístico foram extremamente satisfatórios, pois desmitificam crenças e atitudes preconceituosas sobre nossa língua.

## 5.2 ANÁLISES DOS RESULTADOS

Para explorar os dados quantitativos de nossa pesquisa, adotamos uma abordagem que envolveu a codificação numérica dos dados, sua categorização e a representação gráfica dessas informações, o que nos permitiu visualizar as transformações ocorridas. Esse processo foi complementado por uma interpretação cuidadosa e uma análise minuciosa. Já no tratamento dos dados qualitativos, coletados por meio de questionários abertos, mergulhamos na seleção e análise da frequência das respostas, organizando-as em categorias específicas. Isso nos ajudou a identificar as respostas mais recorrentes, revelando padrões significativos. Atribuímos códigos específicos a esses padrões para possibilitar uma abordagem quantitativa por categoria, enriquecendo nossa análise.

Após o projeto de intervenção distribuímos os questionários aos estudantes (35 alunos), com o intuito de validar a consistência das informações coletadas, algumas perguntas foram propositalmente repetidas.

A metodologia empregada nesta pesquisa foi planejada para ser eclética, abraçando tanto a coleta de dados quantitativos quanto qualitativos. Essa abordagem holística enriqueceu nosso estudo. Utilizamos uma variedade de técnicas, como a aplicação de questionários mistos, a promoção de discussões em grupo (Rodas de Conversa). Todas essas estratégias foram meticulosamente selecionadas e se mostraram fundamentais para a integridade e o sucesso de nossa investigação.

O foco de nossa pesquisa esteve nos alunos do 9.º ano C do ensino fundamental e nas Rodas de Conversa as quais tiveram a participação de quase todos os segmentos escolares (pessoal de apoio, professores, coordenadores pedagógicos e a gestão escolar). As informações obtidas a partir das análises dos dados nos ofereceram uma visão mais clara sobre as diversas dimensões do preconceito linguístico. Investigamos sua manifestação no ambiente escolar, a percepção e conceituação por parte da equipe escolar, as estratégias adotadas pela instituição para enfrentar esse preconceito e as formas encontradas pelos estudantes para mitigar ou eliminar essa discriminação tanto no contexto educacional quanto na sociedade.

Na sequência, apresentaremos os resultados com ênfase tanto nas respostas objetivas quanto nas subjetivas dos alunos. Compararemos as respostas dadas antes

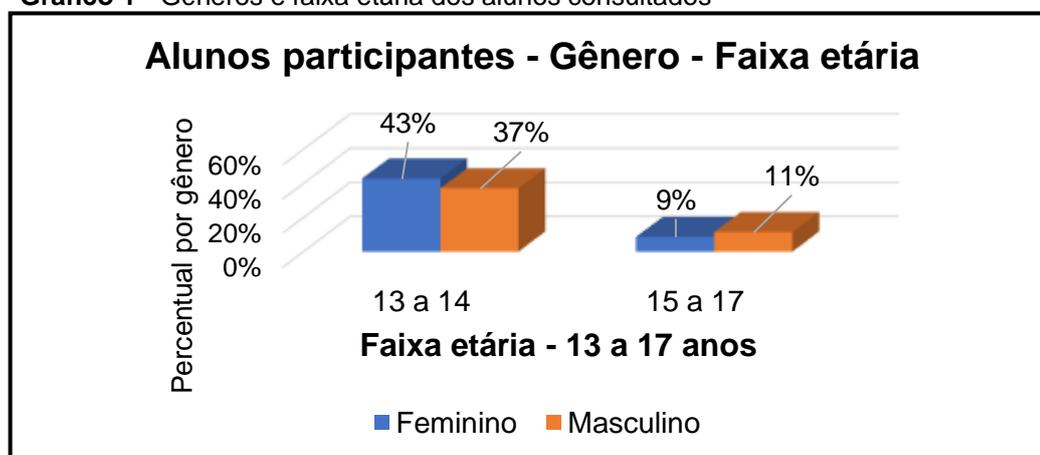
e depois do projeto de intervenção para avaliar se houve um avanço na compreensão do preconceito linguístico. Incluiremos a análise de fragmentos de redações produzidas pelos alunos, fornecendo o entendimento obtido diretamente da pesquisa. Ao explorar as principais conclusões das Rodas de Conversa relacionadas ao preconceito linguístico, nosso propósito é fornecer uma visão humanizada e clara dos desafios identificados e das estratégias recomendadas para superá-los, sempre preservando o rigor acadêmico necessário à pesquisa.

### 5.3 Categoria dos alunos

Na turma 9.º ano C do ensino fundamental, observa-se que a maioria dos alunos está na faixa etária adequada conforme as normativas educacionais brasileiras. O 9.º ano dos anos finais do Ensino Fundamental é cursado por alunos que têm entre 14 e 15 anos de idade, considerando que a maioria dos estudantes inicia o Ensino Fundamental aos 6 anos de idade, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Através de interações diretas com os estudantes, constatou-se que muitos deles provêm de famílias de baixa renda, com a maioria dos pais possuindo apenas o ensino fundamental incompleto e apenas uma minoria tendo concluído o ensino médio. Um número ainda menor possui formação em nível superior.

Neste contexto, foi realizada uma análise das respostas de 35 alunos que participaram de uma pesquisa, utilizando um questionário misto (ver Apêndice A). Essa análise permitiu a identificação do perfil dos alunos em termos de gênero e faixa etária, como detalhado no gráfico 1 a seguir.

**Gráfico 1 - Gêneros e faixa etária dos alunos consultados**



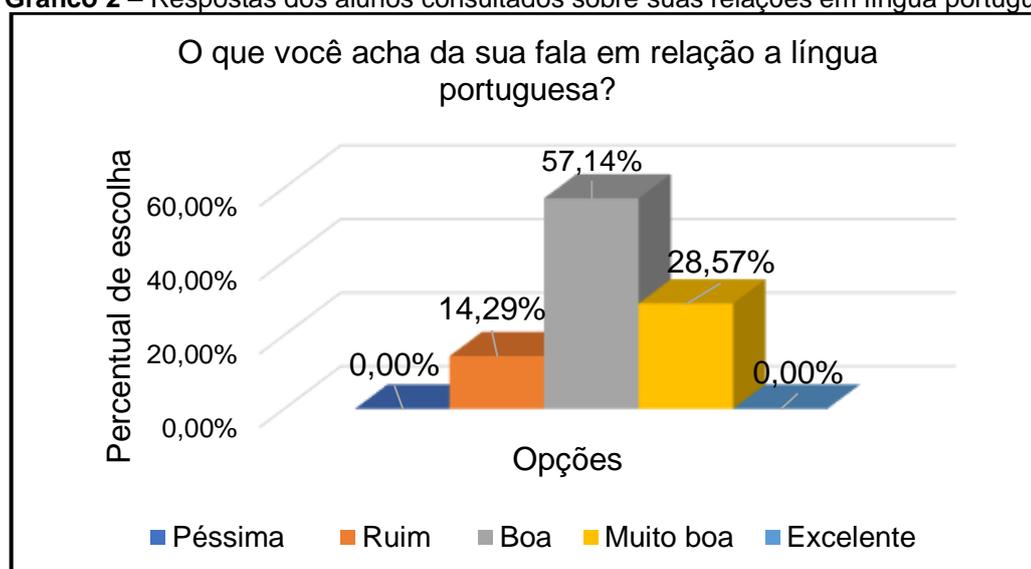
Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

O gráfico 1 apresenta uma análise sobre gênero e faixa etária dos participantes da pesquisa. Entre os 35 alunos, 43% (15 alunos) são do gênero feminino, situados na faixa etária de 13 a 14 anos, enquanto 9% pertencem ao mesmo gênero, mas estão na faixa etária de 15 a 17 anos. Por outro lado, 37% (13 alunos) são do gênero masculino e se encontram na faixa etária de 13 a 14 anos, e 11% (4 alunos) são do gênero masculino, mas estão na faixa etária de 15 a 17 anos.

Os dados no contexto apresentado, indica que a maioria dos alunos do 9.º ano C tem entre 13 e 14 anos, o que indica uma concordância com a faixa etária típica para essa série/ano, conforme preconizado pela LDB e BNCC. Essa adequação é fundamental, pois garante que os conteúdos e metodologias de ensino estejam alinhados com o desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes.

Por outro lado, a presença de alunos entre 15 e 17 anos sugere casos de defasagem escolar, todavia, é importante que a escola ofereça suporte específico para esses alunos, alinhando as estratégias pedagógicas para atender às suas necessidades particulares, respeitando sempre os direitos garantidos pela LDB e as diretrizes da BNCC, evitando assim, possíveis evasões ou desmotivações em virtude da defasagem idade/série. As respostas obtidas estão organizadas e podem ser visualizadas no Gráfico 2 abaixo, proporcionando uma melhor visão do quantitativo de escolhas dos alunos sobre suas percepções em relação às suas falas no que concerne à língua portuguesa.

**Gráfico 2** – Respostas dos alunos consultados sobre suas relações em língua portuguesa



Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

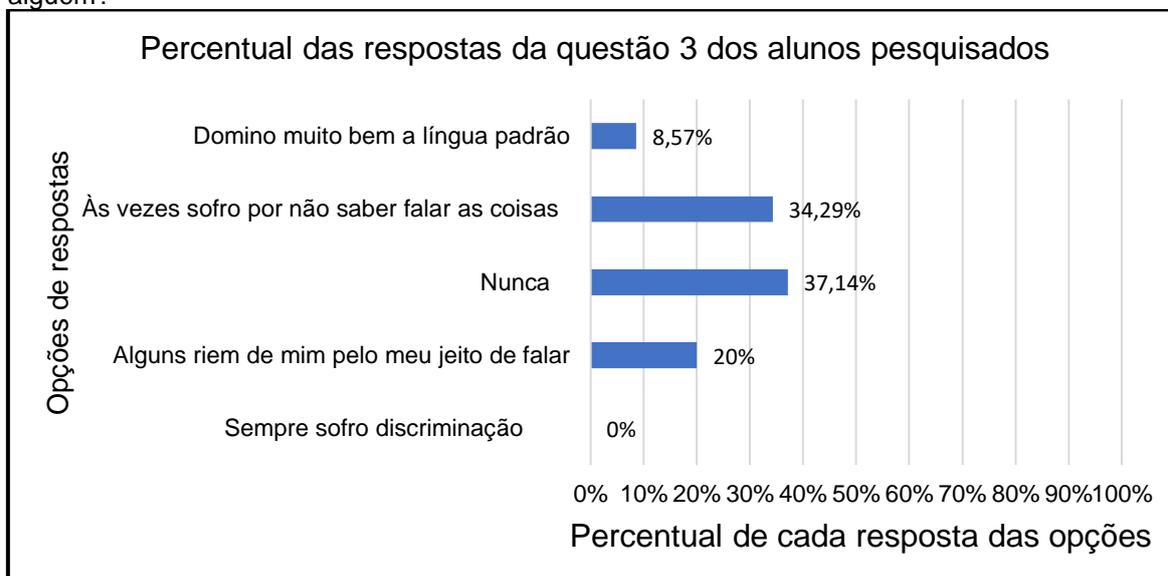
O gráfico 2 oferece informações sobre as percepções individuais dos 35 alunos participantes da pesquisa. Após a tabulação dos dados em colunas, observamos visualmente que 0% (nenhum aluno) considera sua fala “Péssima”; 14,29% (5 alunos) classificam suas falas como “Ruim”; 57,14% (20 alunos) avaliam suas falas em língua portuguesa como “Boa”; 28,57% (10 alunos) acreditam que suas falas em língua portuguesa são “Muito Boa”; e 0% (nenhum aluno) considera suas falas “Excelente”.

Os dados do gráfico 2, detalha as percepções individuais dos 35 alunos participantes da pesquisa sobre suas próprias habilidades linguísticas, serve como um ponto de partida importante para discutir o preconceito linguístico. A distribuição dos dados revela uma autoavaliação variada, onde uma significativa parcela dos alunos classifica suas falas como “Boa” ou “Muito Boa”. Isso pode refletir um nível de confiança e conforto com sua proficiência na língua portuguesa. No entanto, a ausência de alunos que consideram suas falas “Péssima” ou “Excelente” pode indicar uma tendência de evitar extremos, talvez devido a uma percepção social do que é considerado uma fala “adequada” ou “ideal”.

Esse resultado sugere, dentre tantas possibilidades, ser uma consequência do preconceito linguístico (ou de *modus operandi* vivenciados pelos alunos na sua vida escolar e social) onde padrões externos e muitas vezes arbitrários de 'correção' e 'excelência' na língua podem moldar a autoimagem dos falantes. É crucial, portanto, reconhecer e desafiar essas normas linguísticas impostas, promovendo uma maior aceitação das diversas formas de expressão na língua portuguesa, que são naturalmente ricas e variadas. Por meio de uma abordagem mais inclusiva e menos normativa, podemos encorajar os alunos a valorizar suas próprias vozes e dialetos, combatendo assim o preconceito linguístico e enriquecendo a diversidade cultural e linguística no ambiente educacional escolar.

Em relação a questão: você já sofreu algum tipo de preconceito por ter falado algo considerado “errado” por alguém? A sistematização dos dados demonstrou o seguinte resultado conforme o gráfico 3 a seguir.

**Gráfico 3** - Você já sofreu algum tipo de preconceito por ter falado algo considerado “errado” por alguém?



Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

A partir da análise do Gráfico 3, observamos as respostas dos alunos em relação a cinco opções apresentadas. Notavelmente, uma das opções não recebeu nenhuma escolha, equivalente a 0% dos participantes. Cerca de 8,57% dos alunos (3 alunos) indicaram ter excelente domínio da língua padrão. Em contraste, 20% dos entrevistados (7 alunos) relataram que são alvo de risos devido à sua maneira de falar. Uma parcela significativa, 34,29% (12 alunos), expressou ter sofrido por vezes pela dificuldade em se expressar adequadamente. Por fim, a maior porcentagem, 37,14% (13 alunos), afirmou nunca ter enfrentado preconceito por usar expressões consideradas "erradas".

Pela ótica do professor pesquisador, a análise didático-pedagógica dos dados do Gráfico 3, com enfoque no preconceito linguístico, revela aspectos importantes. Em primeiro lugar, é notável que uma proporção significativa de alunos (37,14%) não experimentou preconceito em relação à sua forma de falar. Esse dado pode sinalizar uma crescente aceitação da diversidade linguística, refletindo, possivelmente, o impacto positivo de estratégias educacionais voltadas para o respeito às diferentes variantes da língua. Essa tendência sugere uma interação enriquecedora e respeitosa entre os diversos agentes sociais no ambiente diário desses alunos, promovendo uma ambientação de inclusão e compreensão mútua.

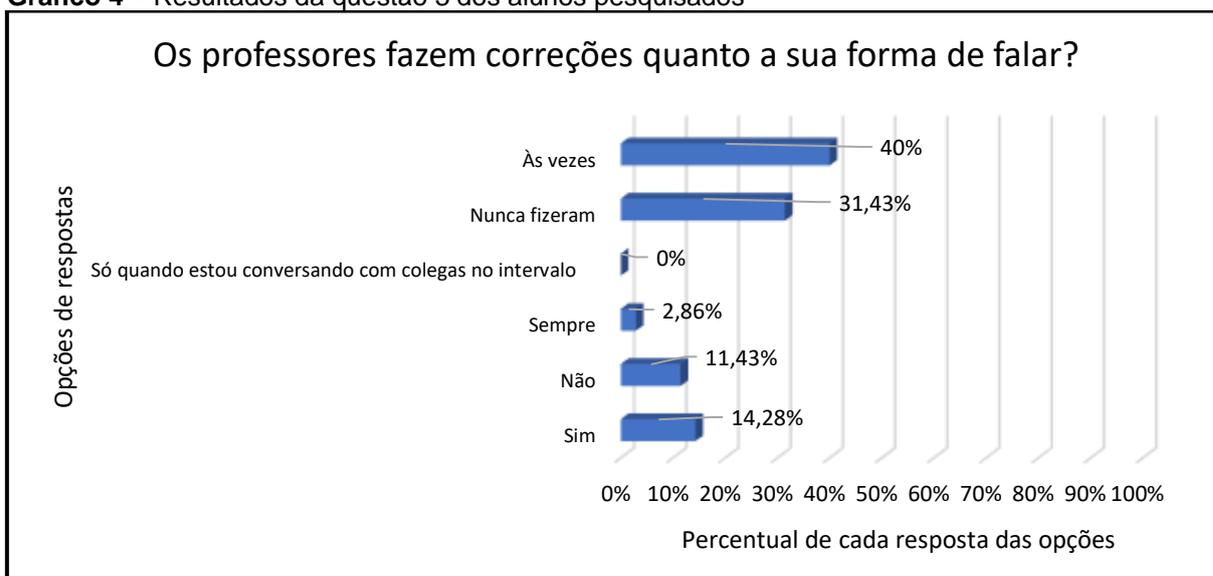
No entanto, o fato de que 20% dos alunos relataram ser alvo de risos por sua maneira de falar e 34,29% às vezes sofrerem por não saberem se expressar adequadamente, evidencia a persistência do preconceito linguístico. Isso sugere a necessidade de reforçar, no ambiente educacional, a valorização de diferentes modos de expressão e a compreensão de que a língua se desenvolve e se transforma ao longo do tempo, sujeito a variantes, evidenciando a importância dessa pesquisa a nível de dissertação.

A ausência de escolhas para uma das opções pode ser interpretada como uma falta de identificação ou relevância daquela opção para a realidade dos alunos, o que também merece atenção. É essencial, portanto, que o ensino de língua materna não se limite à norma padrão, mas reconheça e trabalhe as diferenças linguísticas como elementos enriquecedores da comunicação e da expressão cultural.

Além disso, apenas 8,57% dos alunos se sentem seguros em dizer que dominam muito bem a língua padrão, o que pode indicar uma lacuna no ensino da norma “padrão”. Isso reforça a importância de um ensino equilibrado, que não apenas respeite as variantes linguísticas, mas também ofereça aos alunos saberes necessários para dominar diferentes registros, inclusive a norma “padrão”, de modo a capacitá-los para diversas situações comunicativas e contextuais.

Com essa análise reafirmo a necessidade de estratégias pedagógicas que promovam não apenas a competência linguística em seus diversos aspectos, mas também a conscientização, a sensibilização e a valorização da diversidade linguística como parte integrante da formação dos alunos.

Outra questão respondida pelos discentes foi: os professores fazem correções quanto a sua forma de falar? As respostas foram distribuídas no Gráfico 4. Esse processo teve como objetivo proporcionar uma visualização mais clara e eficiente dos resultados obtidos.

**Gráfico 4** – Resultados da questão 3 dos alunos pesquisados

Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

Com base no Gráfico 4, notamos as preferências dos alunos dentre seis opções disponíveis. Interessantemente, a opção “Só quando estou conversando com colegas no intervalo” não foi selecionada por nenhum aluno, representando 0% dos participantes. Apenas 2,86% dos alunos (1 aluno) indicaram que são “Sempre” corrigidos pelos professores em relação à sua maneira de falar. Por outro lado, 11,43% dos entrevistados (4 alunos) afirmaram que “Não” são corrigidos pelos docentes. Uma parcela relevante, correspondendo a 14,28% (5 alunos), assinalou “Sim” que são corrigidos pelos professores, em relação à sua forma de falar. Quanto à opção 'Nunca fizeram', 31,43% dos alunos (11 alunos) concordaram que nunca foram corrigidos pelos professores nesse aspecto. Por último, uma proporção significativa de 40% (14 alunos) escolheu a alternativa “Às vezes”, indicando que ocasionalmente recebiam correções dos professores.

Ao analisar didático-pedagógicamente os dados acima, sob a perspectiva do professor pesquisador e ancorado no referencial teórico, sobretudo no âmbito da temática do preconceito linguístico com enfoque na Sociolinguística Variacionista, apresentamos as seguintes ponderações.

Primeiro, a Sociolinguística Variacionista nos ensina que a língua é dinâmica e diversificada, moldada por fatores sociais, culturais e regionais. Essa perspectiva é crucial na educação, pois reconhece que não existe uma única forma "correta" de falar, mas sim uma multiplicidade de variantes linguísticas válidas. Isso é evidente na

resposta analisada, onde diferentes atitudes dos professores em relação à correção da fala dos alunos são relatadas.

O fato de 0% dos alunos indicarem que não são corrigidos apenas "quando estão conversando com colegas no intervalo" sugere que os professores não intervêm na linguagem informal dos alunos, respeitando a variação linguística presente nesse contexto. Este é um fator positivo de como a escola pode valorizar as diferentes formas de expressão dos estudantes, sem impor um padrão linguístico único.

Por outro lado, a existência de alunos que são sempre corrigidos (2,86%) ou nunca corrigidos (11,43%) pelos professores em seu modo de falar revela uma inconsistência nas práticas pedagógicas. Isso pode refletir uma falta de compreensão ou aplicação dos princípios da Sociolinguística Variacionista, resultando em abordagens que podem reforçar o preconceito linguístico. Corrigir sempre pode indicar uma tendência ao prescritivismo, enquanto nunca corrigir pode sugerir uma falta de orientação linguística que também é importante.

A parcela de 14,28% que respondeu ser corrigida pelos professores enquanto fala destaca a necessidade de uma abordagem equilibrada. É importante que os educadores façam intervenções linguísticas de maneira a desenvolver a competência comunicativa dos alunos, sem desvalorizar suas variantes linguísticas naturais.

O dado de 31,43% dos alunos afirmando que "nunca fizeram" correções pode ser interpretado de duas formas: ou os professores estão sendo inclusivos, valorizando a diversidade linguística, ou estão perdendo oportunidades de orientar os alunos sobre a adequação linguística em diferentes contextos.

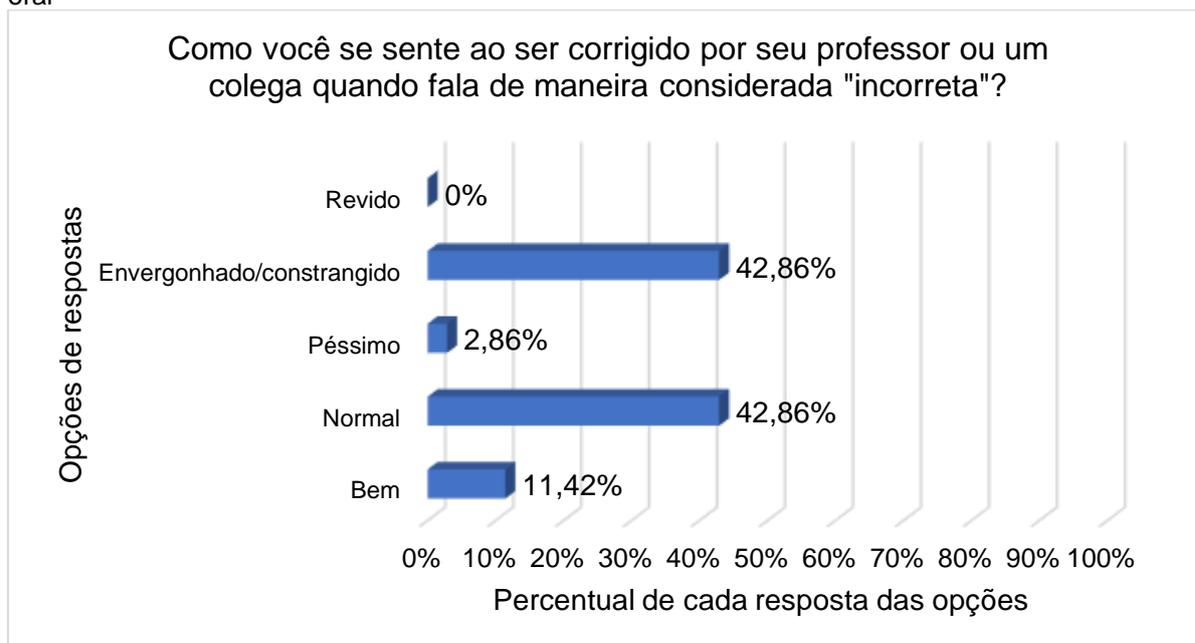
Finalmente, os 40% que responderam "Às vezes" indicam uma abordagem mais equilibrada e contextual, alinhada com a Sociolinguística Variacionista. Esse dado sugere a possibilidade de que alguns professores estejam corrigindo os alunos de maneira situacional, considerando a adequação da linguagem aos diferentes contextos de comunicação.

A análise destes dados aponta para a importância da formação continuada dos educadores em Sociolinguística Variacionista, visando práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade linguística, combatendo o preconceito linguístico e promovendo uma educação linguística mais inclusiva e eficaz.

Na resposta à questão "Como você se sente ao ser corrigido por seu professor

ou um colega quando fala de maneira considerada incorreta?”, os resultados obtidos estão apresentados no Gráfico 5. Este passo visou oferecer uma representação visual mais nítida e eficaz dos resultados relativos à questão 4 do questionário aplicado aos alunos.

Gráfico 5 - Respostas dos estudantes pesquisados – Impressões durante a avaliação da sua expressão oral



Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

Conforme indicado pelo Gráfico 5, nenhum dos alunos consultados (0%) escolheu a opção 'Revido' em resposta a como se sentem ao serem corrigidos por professores ou colegas ao falar de maneira considerada "incorreta". Apenas 2,86% (1 aluno) relataram sentir-se 'péssimos' sob essas circunstâncias. Já 11,42% (4 alunos) afirmaram sentir-se 'Bem'. Nota-se um empate entre as respostas 'Envergonhado/constrangido' e 'Normal', ambas com 42,86% (15 alunos cada), refletindo os sentimentos dos alunos ao terem seu modo de falar corrigido por professores ou colegas.

A análise pedagógica à luz do referencial teórico explorado anteriormente e sob a perspectiva do professor enquanto pesquisador, examina-se o preconceito linguístico no contexto das respostas do Gráfico 5. Esses resultados revelam um cenário preocupante da educação e da interação social em ambientes escolares.

Inicialmente, é essencial reconhecer que a linguagem é um elemento fundamental da identidade cultural e pessoal, conforme já abordado. Quando a correção linguística em sala de aula é realizada sem a devida sensibilidade, pode inadvertidamente promover o preconceito linguístico, marginalizando aqueles que não aderem à norma “padrão” da língua.

Assim, o fato de nenhum aluno ter escolhido a opção "Revido" pode indicar uma ausência de autonomia ou resistência diante das correções percebidas como injustas ou estigmatizantes. Esta passividade pode ser interpretada como resultado de um ambiente educacional onde as normas linguísticas são impostas de maneira autoritária, sem espaço para o diálogo ou a valorização das variantes linguísticas.

Por outro lado, a resposta de se sentir "péssimo" por uma minoria dos alunos destaca o impacto emocional negativo que tais correções podem ter. Isso ressalta a necessidade de uma abordagem pedagógica que reconheça e respeite a diversidade linguística, evitando associar correção linguística com juízos de valor.

Interessantemente, a parcela significativa de alunos que se sentem "Bem" ou "Normal" pode indicar uma aceitação da norma linguística como parte integrante do processo educacional. No entanto, este resultado não deve ser visto como uma justificativa para manter práticas pedagógicas que potencialmente reforcem o preconceito linguístico. Ao contrário, é uma oportunidade para agir, discutir e refletir sobre como essas normas são apresentadas e trabalhadas em sala de aula.

Finalmente, o empate entre os sentimentos de "Envergonhado/constrangido" e "Normal" ao serem corrigidos reflete uma dualidade na experiência dos alunos. Enquanto alguns podem ver a correção como uma parte normal do aprendizado, para outros, isso pode ser uma fonte de vergonha e constrangimento. Isso sinaliza a necessidade de estratégias pedagógicas que não apenas ensinem a norma “padrão”, mas também promovam a valorização das diferentes formas de expressão linguística.

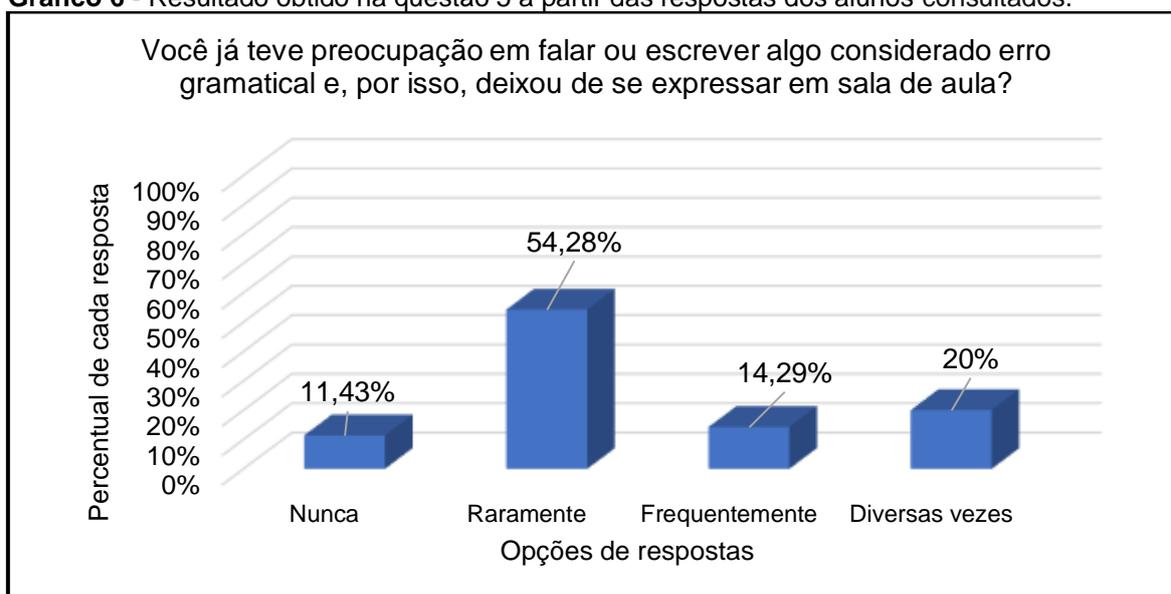
Para reforçar essa perspectiva, é pertinente citar Bagno (2015, p. 35):

Não se trata simplesmente, como deve ficar bem claro, de “aceitar” a variedade linguística estigmatizada falada pelos alunos e ficar só nisso – essa é uma acusação ridícula aos linguistas por aqueles que não conseguem ou não querem ler com a devida atenção as coisas que nós escrevemos. A função da escola é, em todo e qualquer campo de conhecimento, levar a pessoa a conhecer e dominar coisas que ela não sabe e, no caso específico da língua, conhecer e dominar, antes de mais nada, a leitura e a escrita e, junto com elas, outras formas de falar e de escrever, outras variedades de língua, outros registros.

Desta forma, a análise dos dados do Gráfico 5 no contexto do preconceito linguístico destaca a importância de uma pedagogia inclusiva e sensível à diversidade linguística. É imperativo que os professores de quaisquer disciplinas, sobretudo de Língua Portuguesa, estejam cientes das implicações emocionais e sociais de suas práticas de correção linguística, e busquem promover um ambiente de aprendizado que respeite e valorize todas as formas de expressão linguística.

Na questão 5 foi perguntado “Você já teve preocupação em falar ou escrever algo considerado erro gramatical e, por isso, deixou de se expressar em sala de aula?” os dados consolidados da referida questão foram distribuídos no Gráfico 6, visando facilitar a compreensão e permitir uma visualização mais clara das variações entre as respostas. Essa organização gráfica facilita as análises didático-pedagógicas das alternativas propostas na questão em discussão.

**Gráfico 6** - Resultado obtido na questão 5 a partir das respostas dos alunos consultados.



Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

A análise do Gráfico 6 revela que 11,43% dos alunos (4 participantes) indicaram que "Nunca" hesitaram em se expressar em sala de aula devido à preocupação com possíveis erros gramaticais. Por outro lado, 14,29% (5 alunos) relataram que "Frequentemente" enfrentam essa inibição. Além disso, 20% (7 alunos) mencionaram que "Diversas vezes" a preocupação com erros gramaticais os levou a restringir sua

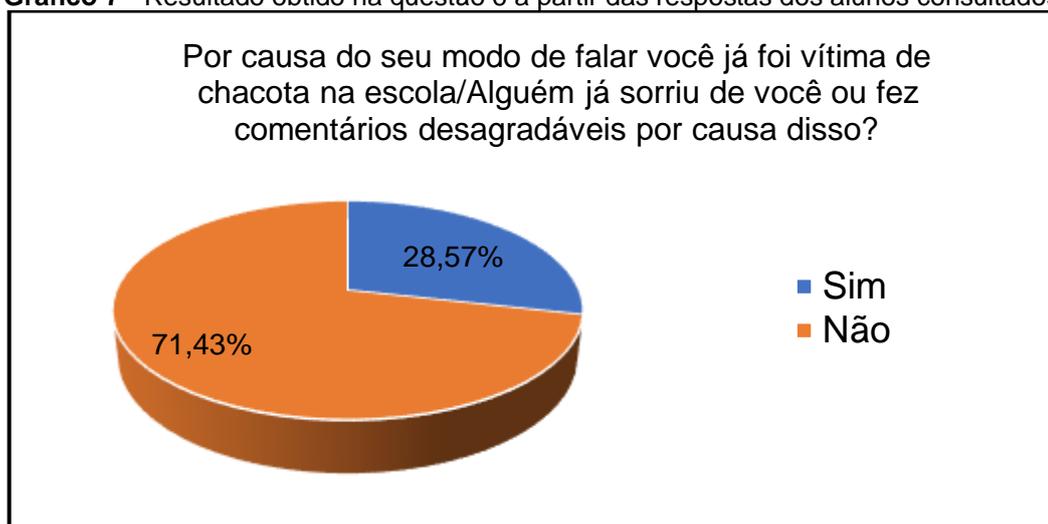
expressão em sala de aula. Contrariamente, uma maioria de 54,28% (19 alunos) assinalou que "Raramente" se preocupa com essa questão.

Os resultados supracitados oferecem reflexões valiosas sobre o impacto do preconceito linguístico na sala de aula. O fato de que uma parcela significativa de alunos (11,43%) nunca se sente inibida por preocupações com erros gramaticais pode sugerir um desconhecimento quanto às normas linguísticas "padrão". No entanto, a existência de uma porcentagem considerável de alunos que frequentemente (14,29%) ou diversas vezes (20%) se retraem de se expressar devido a preocupações com a correção gramatical aponta para um ambiente onde o preconceito linguístico pode estar afetando negativamente a participação dos alunos.

O preconceito linguístico ocorre quando julgamentos são feitos sobre as habilidades ou o caráter de uma pessoa com base em sua maneira de falar ou escrever. Em um ambiente educacional, isso pode criar uma conjuntura de medo e ansiedade, impedindo que os alunos se expressem livremente e participem plenamente das atividades de aprendizagem. Em momentos oportunos, retomaremos essa questão, apresentando proposições de enfrentamento, isto é, propostas efetivas para combater o preconceito linguístico, especialmente no contexto da sala de aula.

Na questão "por causa do seu modo de falar você já foi vítima de chacota na escola/Alguém já sorriu de você ou fez comentários desagradáveis por causa disso? Se sim, comente". Tivemos as seguintes respostas.

**Gráfico 7** - Resultado obtido na questão 6 a partir das respostas dos alunos consultados.



Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

O Gráfico 7 revela que a grande maioria, 71,43% (25 alunos), não sofreu chacotas devido às características de suas falas, o que podemos considerar um fator positivo, dada a considerável quantidade. Entre os que responderam "Sim", 28,57% (10 alunos) já sofreram chacotas, e algumas pessoas fizeram comentários desagradáveis sobre a maneira de falar deles. Contudo, destes, apenas 5 complementaram a resposta com os tipos de ofensas sofridas. Estes serão identificados pelas suas iniciais, a fim de manter a ética profissional da pesquisa. Assim, as respostas foram listadas aleatoriamente, conforme apresentadas a seguir.

**AALML.** *“Aqui em Altamira as pessoas falam muito diferente do povo de Belém e só porque eu falo chiando o pessoal fica me zoando.”*

**EESC.** *“Já, mas é bem raro isso acontecer.”*

**JRS.** *“Um pouco por causa do meu sotaque.”*

**MA.** *“Bom as vezes eu já fui corrigido em frente de outras pessoas, e isso me deixar constrangida.”*

**RFAAF.** *“Já riram de mim por causa do que a professora falou de mim”*

Na perspectiva do professor pesquisador, em relação às declarações dos alunos acima mencionados, é possível analisar as respostas dos alunos AALML, EESC, JRS, MA e RFAAF sob o viés da Sociolinguística Variacionista. Esta abordagem oferece uma compreensão aprofundada do fenômeno do preconceito linguístico e das estratégias para combatê-lo em contextos educacionais. Iniciada por William Labov, a Sociolinguística Variacionista reconhece a variação linguística como uma característica intrínseca e natural de todas as línguas. Por exemplo, a observação de AALML sobre a diferença no modo de falar entre Altamira e Belém ilustra uma variação geográfica clássica e ressalta a importância de aceitar diversas formas de expressão linguística como legítimas e normais.

As experiências de chacota e constrangimento relatadas por EESC e MA evidenciam o impacto negativo do preconceito linguístico sobre os alunos, destacando a urgência da conscientização sobre essa forma de discriminação e da promoção da aceitação da diversidade linguística para criar um ambiente educacional mais inclusivo. Além disso, como discutido por JRS, o sotaque está intimamente relacionado à identidade individual, ressaltando a necessidade de respeitar as características linguísticas individuais como parte da luta contra o preconceito linguístico.

Um aspecto crucial destacado pelas respostas, especialmente a de RFAAF, é o papel significativo dos educadores. Quando os professores se tornam fontes de

chacota ou realizam correções públicas em relação à fala dos alunos, isso pode ter um impacto profundamente negativo na autoestima e na participação dos alunos. Portanto, é fundamental que os educadores sirvam de modelo ao demonstrarem respeito pela diversidade linguística e evitem fazer comentários depreciativos sobre a fala dos alunos.

Para promover a inclusão linguística, é essencial que as escolas e todos os membros da comunidade escolar adotem práticas pedagógicas que valorizem todas as formas de expressão linguística. Isso inclui ensinar a língua portuguesa, variação linguística como uma característica natural da língua e proporcionar um ambiente seguro para que os alunos expressem suas inseguranças e experiências relacionadas à linguagem.

Portanto, compreender e combater o preconceito linguístico sob a ótica da Sociolinguística Variacionista implica não apenas reconhecer a diversidade linguística como uma realidade, mas também valorizá-la como uma parte essencial da experiência educacional. Isso requer uma abordagem sensível e inclusiva por parte dos educadores e das instituições de ensino.

Também foi solicitados aos alunos que discorressem sobre o preconceito com a seguinte questão: “Como você define preconceito?”. As respostas dos 35 alunos foram organizadas em 7 categorias com o a codificação de 1 a 7, sendo que as frequências das respostas foram agrupadas pelas semelhanças das respostas dadas. Conforme percebido na Tabela 1 a seguir.

**Tabela 1**– Definição de preconceito pelos alunos consultados

Codificação	Categorização	Quantidades		Percentual	
		Antes	Depois	Antes	Depois
1	Um julgamento antecipado que na maioria das vezes é falando mal	10	11	28,57 %	31,43 %
2	No meu ponto de vista é quando ficam zoando, fazendo chacota, fazendo piada, do meu jeito e a pessoa fica julgando tanto na fala quanto no olhar, isso deixa a pessoa triste.	16	12	47,71 %	34,29 %
3	Preconceito na minha opinião se define em 2 grupos de pessoas	3	-	8,57%	-

	de um lado as vítimas e do outro as que praticam o bullying (preconceito)				
4	Preconceito é um jeito de pessoas mostrarem que tem um jeito "certo" de falar, não respeitando a forma de cada um	2	2	5,71%	5,71%
5	Modo racismo eu considero um preconceito	1	-	2,86%	-
6	O pré-julgamento por conta das características físicas e culturais	2	10	5,71%	28,57%
7	Bom eu não sei muito bem o que é isso	1	-	2,86%	-
<b>Total</b>		35		100%	

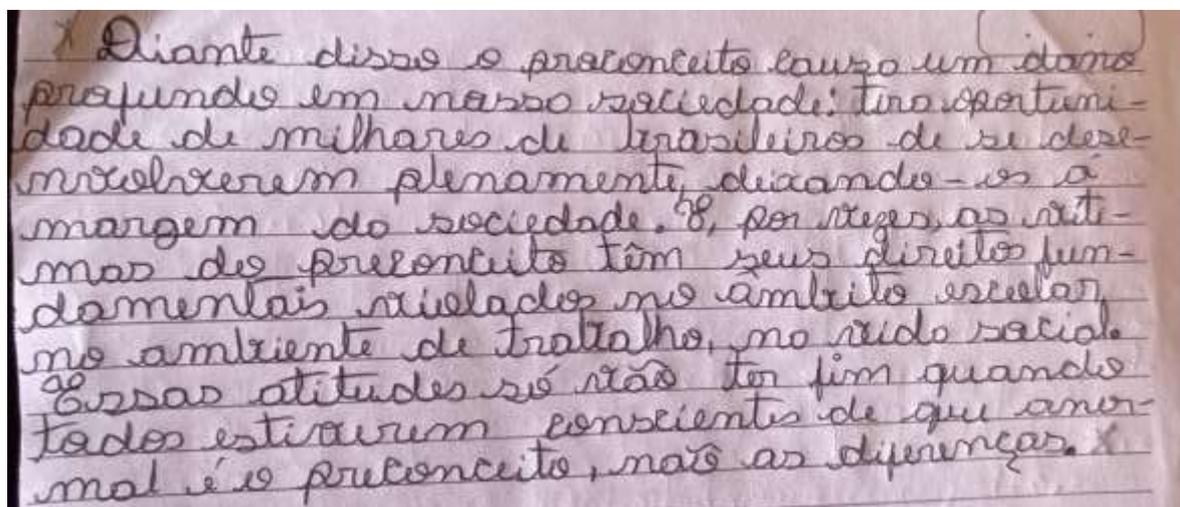
Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Com base nos dados fornecidos antes e depois das rodas de conversa, a análise qualitativa dos resultados refletidos na Tabela 1 revela mudanças significativas na percepção dos alunos sobre preconceito, comparando os percentuais a priori e a posteriori. Inicialmente, a maior categoria de respostas indicava que o preconceito era visto principalmente como um julgamento antecipado, com 47,71% a priori, que depois diminuiu para 34,29%. Isso sugere uma redução na associação do preconceito exclusivamente a atos de chacota ou julgamento superficial.

A categoria relacionada ao pré-julgamento por características físicas e culturais viu um aumento significativo de 5,71% para 28,57% a posteriori, indicando um crescimento na compreensão de que o preconceito pode ser baseado em aspectos mais profundos e sistêmicos. Notavelmente, a percepção de preconceito como bullying caiu para 0%, o que pode indicar um entendimento mais amplo e diferenciado do que constitui o preconceito.

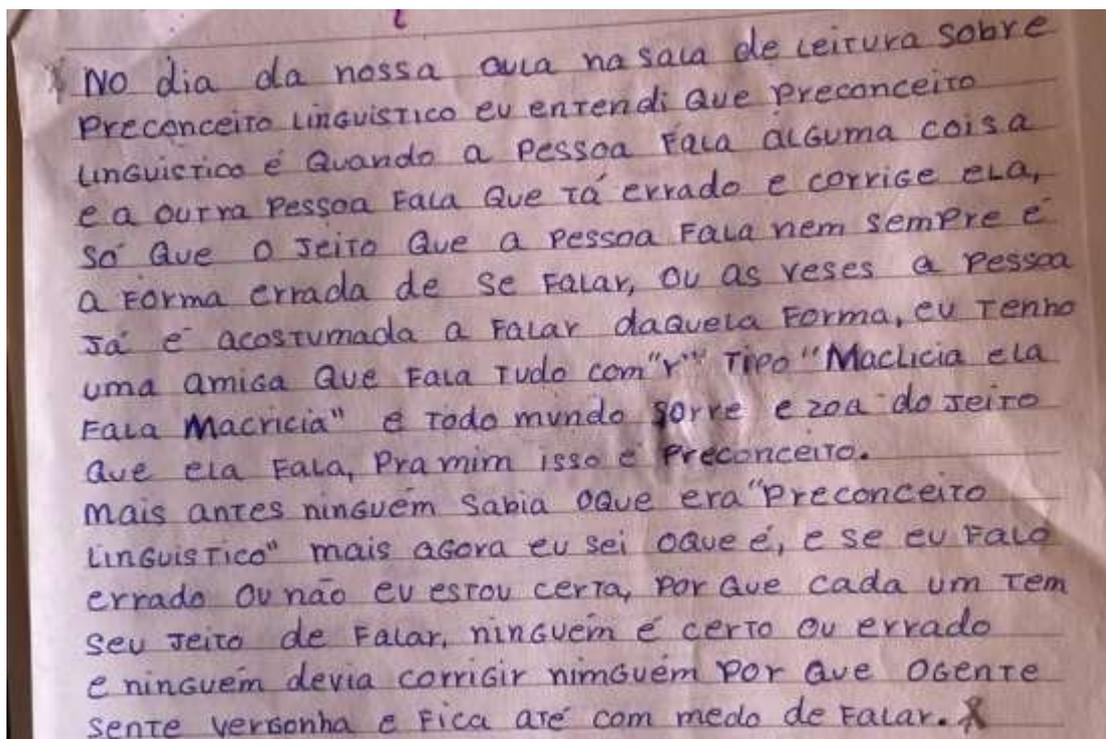
Essas mudanças refletem um crescimento no entendimento geral do preconceito, particularmente no reconhecimento de suas formas mais sutis e estruturais. No contexto educacional, isso sugere uma maior conscientização sobre como o preconceito se manifesta e a importância de abordagens educacionais para combatê-lo. Aumentar a conscientização e o entendimento sobre as várias formas de preconceito é fundamental para criar um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso. Uma percepção dessa evolução foram constatados nas produções de redações dos alunos sobre a temática em si, conforme as Figuras 1 e 2.

**Figura 1** - Fragmento de uma redação feita por uma aluna participante da pesquisa



Fonte: Aluna ESM, 2023.

**Figura 2** – Fragmento de uma redação feita por uma aluna participante da pesquisa



Fonte: Aluna NMN, 2023.

Como professor de Português, observo nos resultados uma evolução notável na percepção dos alunos sobre preconceito, refletindo a importância do diálogo e da literatura como ferramentas de conscientização. A mudança nos percentuais indica que os estudantes estão desenvolvendo uma compreensão mais profunda das nuances do preconceito, algo que a literatura, rica em perspectivas e experiências humanas, pode ampliar significativamente.

Pela ótica de um professor pesquisador do Ensino de Língua Portuguesa, os resultados apontam para o impacto significativo que a educação linguística pode ter no entendimento e na desconstrução do preconceito. A análise qualitativa revela que as intervenções pedagógicas, especialmente aquelas que utilizam textos literários e recursos didáticos focados na diversidade e inclusão, podem promover uma mudança significativa na maneira como os alunos percebem e se posicionam diante do preconceito, sugerindo caminhos para práticas educativas mais inclusivas e reflexivas.

Para a pergunta "Que tipo de preconceito você conhece?", os 35 alunos consultados apresentaram uma variedade de respostas baseadas em suas experiências pessoais. Estas foram categorizadas por similaridade e analisadas antes

e depois das intervenções para avaliar mudanças no entendimento sobre preconceito linguístico. A análise comparativa visa identificar se as rodas de conversa influenciaram a percepção dos alunos sobre o tema, conforme explicitado na Tabela 2.

**Tabela 2**– Tipos de preconceitos que alunos consultados conhecem

Codificação	Categorização	Quantidades		Percentual	
		Antes	Depois	Antes	Depois
1	Racismo; Homofobia e Xenofobia	7	10	20%	28,57%
2	Preconceito linguístico; racial; xenofobia; homofobia.	18	14	51,4%	40%
3	Preconceito linguístico; racial; bullying;	5	-	14,3%	-
4	Preconceito linguístico; racial; bullying; sexual; machismo; e cultural	5	11	14,3%	31,43%
<b>Total</b>		35	35	100%	100%

Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Os dados apresentados na Tabela 2 serão examinados em duas etapas distintas: inicialmente, por meio da perspectiva do professor de língua portuguesa; posteriormente, através da ótica do professor pesquisador no campo do ensino de língua portuguesa.

Observa-se que a categoria mais prevalente nos dados é a de Preconceito Linguístico, Racial, Xenofobia e Homofobia, registrada em 18 das ocorrências, correspondendo a 51,4% do total. Nesse contexto, o professor de língua portuguesa assume a responsabilidade de estabelecer um ambiente inclusivo em sala de aula, onde todas as formas de expressão linguística sejam valorizadas e respeitadas. Isso implica conscientizar os alunos sobre as diversas variedades linguísticas presentes na sociedade, e em combater atitudes discriminatórias relacionadas a essas diferenças.

A categoria de Racismo, Homofobia e Xenofobia também demonstra relevância, ocorrendo em 7 das ocorrências, o que equivale a 20% do total. Neste cenário, o professor de língua portuguesa pode desempenhar um papel significativo

ao abordar tais questões por meio da literatura e da escrita, selecionando textos que tratem de temas relacionados à diversidade e inclusão, e incentivando debates críticos que auxiliem os alunos a compreender e combater o preconceito em suas diversas manifestações.

**Figura 3-** Fragmento de uma redação feita por uma aluna participante da pesquisa

Xenofobia é o preconceito contra estrangeiros. Transfobia é o preconceito contra a comunidade LGBTQIAP+, assim como a transfobia que é o preconceito contra pessoas trans. Etarismo é o preconceito contra alguém pela sua idade. Racismo é o preconceito contra o outro pela sua cor de pele e raça. Machismo é o preconceito contra a mulher. O preconceito linguístico é quando uma pessoa é julgada pelo seu modo de falar. Preconceito linguístico é qualquer juízo de valor negativo às variedades linguísticas de menor prestígio social, ou seja, desrespeito às formas de expressão linguísticas, cujas vítimas são pessoas de menor prestígio social, pessoas que não têm acesso a uma educação de qualidade.

Fonte: Aluno JRS, 2023.

As categorias remanescentes, de Preconceito Linguístico, Racial e Bullying, e Preconceito Linguístico, Racial, Bullying, Sexual, Machismo e Cultural, ocorrem em ambas as situações em 5 das ocorrências, representando 14,3% cada uma. Nestes casos, o professor de língua portuguesa pode facilitar o diálogo e a reflexão, promovendo uma cultura de respeito mútuo e empatia entre os alunos.

Portanto, o papel do professor de língua portuguesa é crucial na abordagem e enfrentamento da discriminação e do preconceito, especialmente no que tange ao preconceito linguístico. Ao criar um ambiente inclusivo em sala de aula e ao explorar questões de diversidade por meio da linguagem e da literatura, o professor contribui para a formação de uma geração de alunos mais conscientes, empáticos e tolerantes.

Nesse contexto, o professor pesquisador tem a oportunidade de aprofundar a investigação das interseções entre o preconceito linguístico e outras formas de

discriminação, colaborando para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas mais eficazes para lidar com tais questões em sala de aula. Ele pode explorar como as representações linguísticas em textos literários e na mídia influenciam a perpetuação desses preconceitos, e desenvolver estratégias para promover uma leitura crítica que desafie essas narrativas discriminatórias. Ademais, o professor pesquisador pode investigar as dinâmicas de poder e hierarquia presentes em situações de bullying e discriminação, buscando identificar intervenções pedagógicas e políticas que promovam um ambiente escolar mais inclusivo e seguro.

Em suma, o professor pesquisador no ensino da língua portuguesa desempenha um papel crucial na análise e abordagem das questões de discriminação e preconceito. Ao unir seu conhecimento em linguística, pedagogia e pesquisa social, este profissional contribui para o avanço do conhecimento acadêmico e para a implementação de práticas educacionais mais equitativas e inclusivas.

Em resposta à pergunta "Você considera o desrespeito ao modo de falar dos alunos na escola como preconceito, e acredita que isso afeta o desenvolvimento em sala de aula?", analisaremos concomitantemente as respostas dos 35 alunos pesquisados antes e depois das Rodas de Conversa, categorizadas da seguinte maneira:

**Tabela 3** – Opiniões dos alunos sobre o desrespeito com o modo de falar dos alunos na escola é considerado preconceito e isso afeta o desenvolvimento em sala de aula?"

Codificação	Categorização	Quantidades		Percentual	
		Antes	Depois	Antes	Depois
1	Sim: para algumas pessoas; podem afetar o desenvolvimento; afeta o emocional da pessoa	31	29	88,57%	82,86%
2	Não: porque a pessoa precisa aprender a corrigir e porque estava falando errado e só aprender e melhorar; modo de ajudar na correção da fala	4	6	11,43%	17,14%
<b>Total</b>		35	35	100%	100%

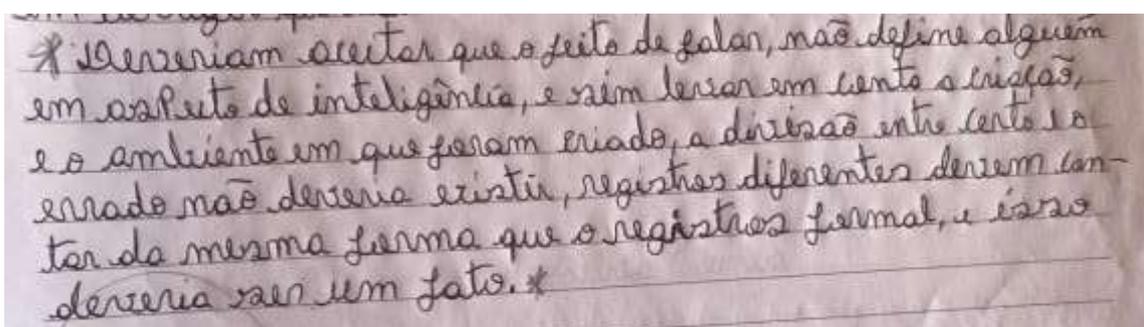
Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Ao analisar os dados da Tabela 3, que abordam as opiniões dos alunos sobre o desrespeito ao modo de falar na escola como preconceito e seu impacto no desenvolvimento em sala de aula, percebe-se a mudança nas frequências relativas, de 88,57% para 82,86% na percepção do desrespeito linguístico como preconceituoso e de 11,43% para 17,14% na visão contrária, sugere um ligeiro aumento na disposição dos alunos para reconhecer nuances no debate sobre preconceito linguístico. Embora a maioria ainda considere o desrespeito como preconceituoso e prejudicial, um pequeno grupo aumentou, indicando talvez uma reflexão sobre a complexidade das interações linguísticas na escola e a possibilidade de momentos de aprendizado.

Do ponto de vista do ensino da língua portuguesa, esses resultados destacam a importância de abordar as questões de diversidade linguística e respeito mútuo dentro do ambiente escolar. A predominância da visão de que desrespeitar o modo de falar dos alunos constitui preconceito reforça a necessidade de políticas educacionais e práticas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística e promovam um ambiente de aprendizado inclusivo e respeitoso. A leve tendência de aumento na aceitação de correções linguísticas, por outro lado, aponta para a necessidade de estratégias pedagógicas que equilibrem a correção e o desenvolvimento linguístico com o respeito à identidade linguística dos alunos.

Do ponto de vista de um professor pesquisador no ensino da língua portuguesa, é evidente o valor pedagógico dessas descobertas. A sutil mudança na percepção dos alunos sobre o preconceito linguístico sugere uma oportunidade de crescimento e aprendizado dentro do ambiente escolar, enfatizando a necessidade de abordagens didáticas que fomentem a apreciação pela diversidade linguística. Neste sentido, a figura 4, traz um pouco da percepção dos alunos sobre o assunto em discussão.

**Figura 4** - Fragmento de uma redação feita por uma aluna participante da pesquisa



Fonte: Aluno KASG, 2023.

Este cenário reforça o argumento para o desenvolvimento e a implementação de práticas educativas que não apenas reconheçam mas celebrem a riqueza da variação linguística entre os estudantes, promovendo uma cultura de respeito mútuo e compreensão das complexidades da linguagem humana.

Agora para a pergunta “Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico? Sim ( ) não ( ) se sim, comente.” Os resultados foram assim apresentados:

**Quadro 1** - Resultado obtido na questão 10 a partir das respostas dos alunos consultados.

<b>Opções de resposta</b>	<b>Comentário</b>	<b>Quantidades</b>	<b>Percentual</b>
Sim	Preconceito linguístico é quando a pessoa tem preconceito com a outra que fala errado ou diferente;	23	65,71%
Não	--	12	34,29%
Total		35	100%

Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

Ao analisar os dados do Quadro 1, que apresentam as respostas dos alunos consultados sobre a definição de preconceito linguístico, é possível conduzir uma análise considerando as perspectivas do professor de língua portuguesa e do professor pesquisador no ensino da língua portuguesa.

Da ótica do professor de língua portuguesa, constata-se que a maioria dos alunos, representando 23 dos 35 entrevistados (65,71%), conceitua preconceito linguístico como a discriminação ou preconceito contra aqueles que falam de maneira considerada errada ou diferente. Esta concepção evidencia a compreensão dos alunos sobre a natureza do preconceito linguístico, reconhecendo-o como uma forma de discriminação baseada na diversidade linguística. Assim, o professor de língua portuguesa pode utilizar tal compreensão dos alunos como base para promover discussões em sala de aula acerca da diversidade linguística, dos estereótipos linguísticos e da importância do respeito às distintas formas de expressão verbal.

Por outro lado, uma minoria dos alunos, correspondendo a 12 dos 35 entrevistados (34,29%), não se manifestou sobre que já ouviram falar de preconceito linguístico. Isso revela duas situações: a primeira é que esse resultado diverge da Tabela 2 (p. 72), onde o número de alunos que afirmaram conhecer o termo foi maior.

Em segundo lugar, essa ocorrência pode indicar uma falta de compreensão ou sensibilidade em relação ao tema por parte desses alunos, ou talvez uma dificuldade em expressar uma definição clara. Nesse contexto, cabe ao professor de língua portuguesa fornecer orientação linguística e conscientizar os alunos sobre os conceitos de preconceito linguístico e suas implicações no âmbito escolar e na sociedade em geral.

Na perspectiva do professor pesquisador no ensino da língua portuguesa, os dados do Quadro 1 fornecem conhecimentos valiosos sobre a compreensão dos alunos acerca do preconceito linguístico. O pesquisador pode realizar análises mais aprofundadas das respostas dos alunos, visando identificar padrões e tendências, bem como investigar as origens e os impactos do preconceito linguístico no contexto escolar. Ademais, pode-se desenvolver estudos comparativos para examinar como diferentes grupos sociais e culturais percebem e reagem ao preconceito linguístico, contribuindo, dessa forma, para o avanço do conhecimento acadêmico nessa área e para a formulação de estratégias pedagógicas mais eficazes no combate a esse fenômeno.

Para a pergunta: “De que forma o preconceito linguístico pode prejudicar o aluno?”, os resultados estão consolidados no quadro 2.

**Quadro 2** – Resultado obtido na questão 11 a partir das respostas dos alunos consultados.

<b>Opções de resposta</b>	<b>Quantidade/resposta</b>	<b>Percentual</b>
Desistência	2	5,71%
Evasão Escolar	1	2,86%
Medo do professor lhe corrigir	7	20%
Medo de se expressar diante dos colegas de turma	22	62,86%
Repetir de Série	3	8,57%
Total	35	100%

Fonte: Pesquisa de campo, 2023.

A análise dos dados do Quadro 2, que reflete as respostas dos alunos sobre os fatores que influenciam a dificuldade de se expressar em sala de aula, oferece informações relevantes tanto para o professor de língua portuguesa quanto para o pesquisador no ensino da língua portuguesa. No entanto, observamos novamente uma inconsistência nas respostas dos alunos ao compará-las com outras seções. Enquanto no Quadro 2 todos afirmaram que o preconceito linguístico prejudica de

alguma maneira, no Quadro 1, 12 alunos responderam não ter ouvido falar sobre preconceito linguístico.

Feita essa constatação sobre as incoerências nas respostas dadas pelos alunos. Passaremos analisar os dados do quadro acima, do ponto de vista do professor de língua portuguesa, destaca-se que a maioria significativa dos alunos (62,86%) identificou o medo de se expressar diante dos colegas como um dos prejuízos do preconceito linguístico. Esse achado ressalta a importância do ambiente social e emocional da sala de aula na promoção das habilidades comunicativas dos alunos. Nesse contexto, é crucial que o professor crie um ambiente acolhedor e inclusivo, incentivando os alunos a se expressarem livremente e proporcionando feedback construtivo que encoraje a participação ativa.

Além disso, uma parcela considerável dos alunos (20%) mencionou o medo de ser corrigido pelo professor como um fator limitante à expressão em sala de aula. Essa percepção sugere a necessidade de os educadores adotarem abordagens pedagógicas que valorizem o esforço e a participação dos alunos, em detrimento de uma ênfase exclusiva na identificação e correção de erros. Desse modo, o professor de língua portuguesa pode desempenhar um papel crucial ao fornecer um ambiente de aprendizado que promova a confiança e a autoexpressão dos alunos.

Na perspectiva do pesquisador no ensino da língua portuguesa, os dados do Quadro 10 representam uma fonte valiosa de informações para investigar os fatores que influenciam a comunicação dos alunos em sala de aula. Esse pesquisador pode empreender estudos mais aprofundados para compreender melhor as origens e os efeitos do medo de se expressar em sala de aula, bem como para identificar estratégias pedagógicas eficazes para lidar com esse desafio. Além disso, o pesquisador pode investigar como as dinâmicas de poder e hierarquia na sala de aula afetam a comunicação dos alunos, com isso contribui para o desenvolvimento de ambientes educacionais mais inclusivos e democráticos.

#### **5.4 As contribuições das Rodas de Conversa**

O projeto Rodas de Conversa transformou-se em uma experiência de aprendizado crítico e descobertas valiosas, valorada pela participação ativa de todos os envolvidos. As discussões proferidas por diferentes perspectivas de professores,

palestrantes convidados e alunos, cultivaram um ambiente fértil para a aprendizagem. Cada contribuição, das reflexões profundas dos educadores às indagações dos estudantes, foi fundamental para enriquecer a compreensão sobre o preconceito linguístico. Esse intercâmbio de ideias não apenas promoveu um aprendizado significativo, mas também fomentou a reflexão crítica, destacando a importância da diversidade de vozes na educação. Espera-se que o aprendizado discutido seja aplicado na vida diária de cada participante, especialmente no ambiente escolar, promovendo uma prática educativa reflexiva e transformadora.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O combate ao preconceito linguístico, sob a ótica da inclusão, não se realiza de maneira intencional ou voluntária por parte dos documentos oficiais da educação brasileira. Este se efetiva principalmente através da iniciativa de autores dedicados ao estudo da variação linguística, com especial atenção àqueles focados no preconceito linguístico. Nesse contexto, é fundamental que o professor adote uma postura crítica ao abordar essa temática.

É imprescindível distinguir três perspectivas distintas sobre o combate ao preconceito linguístico: primeiramente, a conscientização sobre o preconceito linguístico a partir do referencial teórico, especialmente por meio dos autores que investigam esse fenômeno; em segundo lugar, o reconhecimento do preconceito linguístico no ambiente educacional, considerando as visões e práticas dos diferentes segmentos escolares, incluindo os alunos; e, terceiromente, a exploração das possibilidades de combater o preconceito linguístico dentro do contexto escolar.

Os estudos sobre variação linguística ganharam força a partir da década de 1970, apresentando uma necessidade de análise histórica e dialética. Desde a teoria de Saussure, que posiciona a linguística nas relações intersociais, até as contribuições de Labov, com foco no estudo da linguística e a evolução da linguagem em contextos sociais, e os trabalhos de Bagno e Faraco, que abordam a questão sob a perspectiva holística da Sociolinguística Variacionista, é evidente o progresso teórico. Contudo, a pesquisa revela que a educação qualitativa e inclusiva para os falantes das diversas variantes linguísticas ainda não é alcançada de maneira satisfatória.

As políticas educacionais implementadas no Brasil, articuladas através de competências gerais com habilidades emancipadoras, estabelecem competências e responsabilidades claras, organizando o sistema educacional. Esta organização permite exigir das autoridades competentes, em todas as instâncias governamentais (municipal, estadual e federal), melhorias significativas na educação, especialmente voltadas para os alunos que são alvos de preconceitos. Importante ressaltar que estas diretrizes estão presentes nos documentos oficiais, ou seja, teoricamente estabelecidas.

A análise dos dados, que examina a opinião dos alunos sobre o desrespeito ao modo de falar como preconceito e seu impacto no desenvolvimento em sala de aula, revelou mudanças nas percepções antes e depois das intervenções. A ligeira mudança nas frequências indica uma maior disposição dos alunos para reconhecer nuances nos debates sobre preconceitos linguísticos. Isto sugere uma transformação crítica da aprendizagem através do projeto Rodas de Conversa, enfatizando o papel das práticas educativas na promoção da diversidade linguística e do respeito mútuo. Os resultados sublinham a necessidade de estratégias de ensino inclusivas que respeitem as identidades linguísticas e ao mesmo tempo abordem o preconceito linguístico.

No Município de Altamira, Pará, Brasil, as escolas públicas municipais assumem legalmente o compromisso com a educação e o combate ao preconceito linguístico. Na prática escolar, a educação inclusiva e de qualidade é realizada com algumas ressalvas, conforme estabelecido pela legislação. A responsabilidade pelo combate ao preconceito linguístico deve ser compartilhada tanto pelo poder executivo e pelas políticas públicas quanto pelos profissionais envolvidos na educação escolar.

## **6.1 Recomendações para estudo futuro**

Título da Pesquisa de Doutorado:

**Práticas Pedagógicas Inovadoras para o Combate ao Preconceito Linguístico:  
Reflexões e Intervenções em Ambientes Educacionais Brasileiros**

### **Recomendações para Estudo Futuro**

Neste projeto de doutorado, mergulharemos no universo das práticas pedagógicas inovadoras com o objetivo de transformar os ambientes educacionais brasileiros em espaços onde o preconceito linguístico não apenas é desafiado, mas efetivamente combatido. Nosso estudo se propõe a realizar uma investigação aprofundada sobre as estratégias atualmente empregadas nas escolas, buscando desenvolver e implementar metodologias que não só reconheçam, mas também celebrem a diversidade linguística como um valioso recurso educacional. Estamos motivados pela busca de estratégias que promovam uma cultura de inclusão e

equidade, respeitando as inúmeras variantes linguísticas presentes na rica tapeçaria multicultural e multilíngue do Brasil.

Nosso foco estará na criação de um modelo pedagógico inovador que harmonize a conscientização linguística com a valorização da identidade cultural dos estudantes, ao mesmo tempo em que fomenta o desenvolvimento de habilidades comunicativas em diversos registros linguísticos. Daremos uma atenção especial às percepções de alunos e professores a respeito da linguagem e suas variantes, com o intuito de compreender como essas visões influenciam tanto as práticas pedagógicas quanto o clima de aprendizagem. Para tal, adotaremos uma abordagem metodológica que combina técnicas qualitativas e quantitativas, incluindo análise de conteúdo, estudos de caso e pesquisas-ação, visando coletar dados em várias regiões do país.

Além disso, nos debruçaremos sobre o papel das políticas educacionais e dos materiais didáticos na perpetuação ou na atenuação do preconceito linguístico. Examinaremos como as diretrizes curriculares nacionais e os materiais didáticos abordam a questão da variação linguística e se estes recursos oferecem suporte a práticas pedagógicas engajadas no combate ao preconceito linguístico. A eficácia de programas de formação docente também será analisada, buscando preparar educadores para uma abordagem mais inclusiva e respeitosa da diversidade linguística em sala de aula.

O propósito último deste trabalho é contribuir para o avanço de uma educação linguística que seja verdadeiramente justa e inclusiva, reconhecendo e valorizando a diversidade e a riqueza da língua portuguesa. Aspiramos que os resultados desta pesquisa de doutorado tragam contribuições relevantes tanto para o corpus acadêmico quanto para as práticas educativas e políticas públicas, incentivando um ambiente educacional que respeite e exalte a diversidade linguística de todos os alunos, moldando assim futuras gerações mais conscientes e inclusivas.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português – encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos; AGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. - São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. – 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico - o que é, como se faz**. – 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. – 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. – 56ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; DE ALMEIDA Joyce Elaine. **Variação Linguística na Escola**. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC: Brasília, 2018.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1990.

CALVET, Louis – Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. [tradução Marcos Marcionilo] – São Paulo: Parábola, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. - São Paulo: Parábola, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. - São Paulo: Parábola, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.) **Métodos de pesquisa**. (coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural) da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2009.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAPERUTA-MARTINS, Maridelma. **Preconceito linguístico**: Origem na Sociedade; Término na Escola, 2017. *In*: Revista Observatório, Palmas, v. 3, n. 1, p. 305-326, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://hal.science/hal-01571910/document> Acesso em: 10 out. 2023.

LIMA, Geralda de Oliveira Santos. & FREITAG, Raquel Meister Ko, **Sociolinguística**. – São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

LUCCHESI, Dante. **Língua e Sociedade Partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Da sócio-histórica do português brasileiro para o ensino do português no Brasil hoje. *In*: AZEREDO, José Carlos de. **Língua portuguesa em debate** – conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. - 9 ed. rev. -São Paulo: Cortez, 2012.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. O professor de língua portuguesa: modos de ensinar e de aprender. *In*: AZEREDO, José Carlos de (org). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis: Vozes, 2000.

POSSENTI, Sirio. **Porque (não) ensinar gramática na escola**. - Campinas SP: Mercado de Letras, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1974

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Questionário (Alunos)

#### 1ª e 2ª etapa

**Questionário social – Aluno (a)**, sua participação é muito importante nesta pesquisa. Não se preocupe, suas opiniões e informações serão respeitadas e mantidas em sigilo. A veracidade dos dados em muito contribuirá para meu trabalho.

Nome/pseudônimo: \_\_\_\_\_

Escola \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_ Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outro \_\_\_\_\_

Faixa etária: ( ) 13 a 14 ( ) 15 a 17

#### 1) O que você considera da sua fala em relação a língua portuguesa?

( ) boa ( ) péssima ( ) ruim ( ) muito boa ( ) excelente

#### 2) Você já sofreu algum tipo de preconceito por ter falado algo considerado “errado” por alguém?

- a.( ) sempre sofro discriminação      b.( ) alguns riem de mim pelo meu jeito de falar  
c.( ) nunca      d.( ) às vezes sofro por não saber falar as coisas  
e.( ) domino muito bem a língua padrão

#### 3) Os professores fazem correções quanto a sua forma de falar?

sim ( ) ou não ( )?

- a.( ) sempre      b.( ) às vezes      c.( ) nunca fizeram  
d.( ) Só quando estou conversando com colegas no intervalo  
e.( ) quase nunca

#### 4) Como você se sente quando é corrigido pela forma que fala algo que o seu professor ou algum colega considera errado?

- a) ( ) bem      b) ( ) normal      c) ( ) péssimo  
d) ( ) envergonhado/constrangido      e) ( ) revido

#### 5) Você já teve preocupação em falar ou escrever algo considerado erro gramatical e, por isso, deixou de se expressar em sala de aula?

a) ( ) nunca b) ( ) raramente c) ( ) frequentemente d) ( ) diversas vezes

#### 6) Por causa do seu modo de falar você já foi vítima de chacota na escola/Alguém já sorriu de você ou fez comentários desagradáveis por causa disso? Se sim, comente.

( ) sim ( ) não

**7) Como você define preconceito?**

**8) Que tipo de preconceito você conhece?**

**9) Em sua opinião o desrespeito com o modo de falar dos alunos na escola é considerado preconceito e isso afeta o desenvolvimento em sala de aula?**

**10) Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico? Sim ( ) não ( ) se sim, comente.**

**11) De que forma o preconceito linguístico pode prejudicar o aluno?**

a.( ) Desistência    b.( ) evasão escolar    c.( ) medo do professor lhe corrigir

d.( ) medo de se expressar diante dos colegas de turma    e.( ) repetir de série

## APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UFOPA

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

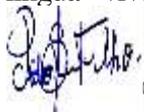
Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: intitulada “**O PAPEL DA ESCOLA NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**” Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador (a) responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Pedro Geraldo de Sousa Filho através do telefone: (93) 99151-1877 ou através do E-mail: michaelpepeu4@gmail.com, ou a orientadora da pesquisa professora Dra. Ediene Pena Ferreira, telefone: (93) 99122-0777, E-mail: ediene.ferreira@ufopa.edu.br, ou até mesmo em caso de dúvida sobre a ética aplicada à pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste do Pará (situado na Rua Vera Paz, s/nº, Unidade Tapajós, sala 05, CEP 68040-255, Santarém, Pará) pelo telefone: (93) 2101-4926 ou pelo e-mail: cep@ufopa.edu.br.

#### 1. Justificativa, os objetivos e procedimentos

O processo de desenvolvimento desta pesquisa, se justifica pela necessidade de que o ensino de Língua Portuguesa passou e passa por diversas transformações estruturais e sociais, onde o falante relata todos os dias o seu poder comunicativo, pois ele é um usuário competente que precisa ser visualizado de forma valorizada. Aceitar somente a variedade de prestígio, a norma padrão, menosprezando, assim, as demais variedades linguísticas é rejeitar e ignorar a linguagem trazida pelo aluno em sua bagagem social a que ele pertence.

O projeto em evidencia tem como objetivo primário desenvolver uma discussão acerca do papel da escola no combate ao preconceito linguístico sobre à luz da sociolinguística, fazendo uma análise histórica da constituição do português brasileiro articulada ao processo econômico-social de formação do país, Viabilizando o ensino escolar acessível as variações linguísticas (sociais, regionais, sexo, gênero, faixa etárias) que qualquer língua viva possui, resgatando os valores das diferentes culturas, sobretudo,

no que se refere à linguagem oral e escrita, pois dessa forma o preconceito  será superado, todavia não se pretende excluir a norma culta ou a padrão, mas ~~consolidar~~ <sup>consolidar</sup> os que podem ser competente na língua portuguesa e reconhecerem os diversos usos da língua.

Para alcançar os objetivos proposto pretendo realizar um conjunto de procedimentos metodológicos tais como: levantamento bibliográfico, diagnose da turma (diagnóstica e de intervenção pedagógica). Para a consolidação do estudo são previstos três momentos específicos de desenvolvimento da pesquisa.

No primeiro momento do estudo será aplicado um questionário semi-estruturado desenvolvido pelo pesquisador adjunto de entrevista com os participantes da pesquisa, no segundo serão realizadas rodas de conversa temáticas com os participantes, visando conferir suas experiências, dificuldades e descobertas com o projeto e a terceira e última etapa será a elaboração de um caderno de atividades, com sugestões de tarefas a serem aplicadas nas aulas de língua portuguesa.

#### **Desconfortos, riscos e benefícios**

Os riscos são mínimos, poderá haver constrangimento por parte dos participantes na hora de responder aos instrumentos de coleta de dados em virtude do receio de que sua identidade seja revelada publicamente. Mas o pesquisador irá explicar que não serão expostas identidade nenhuma na divulgação dos dados da pesquisa: a divulgação do nome só poderá ocorrer com a autorização do participante ou de seu responsável, no caso de menores de idade. Em relação a algum mal-estar causado por conta das questões propostas nos instrumentos de coleta, o participante poderá não responder a tal questionamento, assim como interromper ou desistir da participação a qualquer momento. No caso que ocorrer algum dano psicossocial decorrente da pesquisa, pois o tema preconceito é muito sensível, este pesquisador convidará a rede de assistência social da SEMED para acompanhar e prestar atendimento especializado com o intuito de amenizar os possíveis distúrbios emocionais se assim houver.

A proposta de pesquisa utilizará o método retrospectivo em que não se realizará nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos, aplicarei apenas questionários, rodas de conversa e elaboração de um caderno de atividades relacionados a pesquisa. Nesse sentido, os riscos muitas vezes são expressos de desconforto, como: fadiga; cansaço; possibilidade

de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados ou até mesmo medo de não saber responder, não haverá possibilidade alguma de danos físicos aos participantes. Para amenizar os possíveis desconforto elencados acima, toda coleta de dados através dos questionários, e elaboração de um caderno de atividades serão individuais resguardando a privacidade dos participantes e dos dados coletados, sendo que as rodas de conversa serão no formato de grupos, pois a temática em questão exigirá a participação de várias pessoas. As atividades propostas acontecerão na própria escola em sala climatizada, limpa e arejada, local propício aos trabalhos elencados, também será disponibilizado ao participante da pesquisa água, café, máscaras e álcool em gel. O presente estudo não tem finalidade de alterar as condições físicas ou mentais dos participantes, as atividades educacionais interventivas propostas não irão modificar a rotina escolar dos discentes, toda ação interventiva será observação participante em aulas normais.

Segundo o item XI, alínea f, da Resolução CNS 466/12 este pesquisador irá manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; o que trará garantia de privacidade e garantirá o direito do participante da pesquisa de manter o controle sobre suas escolhas e informações pessoais e de resguardar sua intimidade, e seus dados pessoais, sendo uma garantia de que essas escolhas de vida não sofrerão invasões indevidas, pelo controle público, estatal ou não estatal, e pela reprovação social, a partir das características ou dos resultados da pesquisa.

Destacamos também que, por ainda estarmos vivenciando um contexto pandêmico, há riscos de contágio pelo vírus da COVID 19 ou por outras viroses com incidência em nossa região, todos os cuidados serão prescritos e realizados como a utilização de máscaras álcool em gel e vacinação. A equipe seguirá os protocolos de saúde para que essa possível contaminação não ocorra. De todo modo, em caso de contágio, também seguindo as diretrizes da Resolução nº

466, a equipe de pesquisa dará todo apoio, orientação e destacamos também que, por ainda estarmos vivenciando um contexto pandêmico, há riscos de contágio pelo vírus da COVID 19 ou por outras viroses com incidência em nossa região, todos os cuidados serão prescritos e realizados como a utilização de máscaras. A equipe seguirá os protocolos de saúde para que essa possível contaminação não ocorra. De todo modo, em caso de contágio, também

seguindo as diretrizes da Resolução nº 466, a equipe de pesquisa dará todo apoio, orientação e assistência aos participantes do estudo.

A luz do subitem 3.3, alínea d, da norma operacional 001/2013 – CNS/MS, os benefícios diretos que retornarão para os alunos participantes da pesquisa identificarão com facilidade a natureza variável da língua em suas mais distintas formas de realização, permitindo-os, como falantes nativos da língua portuguesa não só se comunicar fluentemente, mas também atuar linguisticamente, na resolução de problemas advindos da sociedade na qual está inserido. Aos demais participantes, professores, coordenadores, colaboradores e direção escolar, os benefícios são indiretos, eles assumirão uma nova postura teórica e prática sobre o preconceito linguístico e o ensino da língua portuguesa, concebendo a gramática como uma disciplina viva, em constante revisão e elaboração deixando de lado a velha prática repetidora e reprodutora de um dogma gramatical contraditório e incoerente. Já em termos de retorno social, soma-se o fato de a instituição localizar-se na periferia do município de Altamira-PA, o que lhe confere um vasto histórico de luta pelo reconhecimento e manutenção, o que reafirma a importância de se realizar intervenção em estudos linguísticos neste tipo de região. É importante destacar também que tal pesquisa, terá como produto final uma dissertação de mestrado, que será ponto de incentivo para “novos pesquisadores” desenvolverem trabalhos acadêmicos que contribuirão para uma nova visão acerca da língua no que se refere ao preconceito linguístico, possibilitando assim uma forma de neutralizá-lo, mostrando que os fenômenos variáveis podem ser perfeitamente explicados. A relevância para a comunidade é que ela terá acesso aos procedimentos pesquisados, e será disponibilizado exemplares para consulta na escola local do estudo, e em outras escolas do município (estadual e municipal), bem como na secretaria municipal de educação, possibilitando, assim aos alunos, educadores, coordenadores, colaboradores e gestores acesso aos procedimentos interventivos e poderão propor ações efetivas na escola para erradicar o preconceito linguístico conscientizando a respeito da diversidade, das variações linguísticas e do próprio funcionamento da linguagem em uso em nossa sociedade.

### **Forma de acompanhamento e assistência**

Aos participantes será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. Você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso você apresente algum problema será



encaminhado para tratamento adequado da seguinte maneira : o problema será encaminhado à gestão da instituição de ensino, comunicado aos responsáveis e as providências cabíveis serão tomadas.

**Garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo**

Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados acima. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

**Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos**

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira.

Caso você, participante, sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, o pesquisador garante indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo.

**Para participantes menores de 18 anos (crianças e adolescentes) ou pessoas com transtorno ou doença mental ou em situação de substancial diminuição em sua capacidade de decisão**

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu

\_\_\_\_\_ CPF \_\_\_\_\_, responsável legal pelo (a) \_\_\_\_\_ autorizo sua participação no estudo intitulado intitulada **“O PAPEL DA ESCOLA NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO”**, desde que o (a) mesmo (a) aceite de forma livre e espontânea, e que possa se retirar a qualquer momento. Tenho ciência que não vou ganhar

nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um. Sendo assim,

- (  ) Aceito a participar  
(  ) Não aceito a participar

Altamira-Pá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável legal

Pedro Geraldo de Sousa Filho.  
Assinatura do responsável pela pesquisa.

## APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: intitulada “**O PAPEL DA ESCOLA NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**”

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador (a) responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Pedro Geraldo de Sousa Filho através do telefone: (93) 99151-1877 ou através do E- mail:

michaelpepeu4@gmail.com, ou a orientadora da pesquisa professora Dra. Ediene Pena Ferreira, telefone: (93) 99122-0777, E-mail: ediene.ferreira@ufopa.edu.br, ou até mesmo em caso de dúvida sobre a ética aplicada à pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste do Pará (situado na Rua Vera Paz, s/nº, Unidade Tapajós, sala 05, CEP 68040-255, Santarém, Pará) pelo telefone: (93) 2101-4926 ou pelo e-mail: cep@ufopa.edu.br.

#### Justificativa, os objetivos e procedimentos

O processo de desenvolvimento desta pesquisa, se justifica pela necessidade de que o ensino de Língua Portuguesa passou e passa por diversas transformações estruturais e sociais, falante relata todos os dias o seu poder comunicativo, pois ele é um usuário competente, precisa ser visualizado de forma valorizada. Aceitar somente a variedade de prestígio, a padrão, menosprezando, assim, as demais variedades linguísticas é rejeitar e ignorar a linguagem trazida pelo aluno em sua bagagem social a que ele pertence.

O projeto em evidência tem como objetivo primário desenvolver uma discussão acerca do papel da escola no combate ao preconceito linguístico sobre à luz da sociolinguística, fazendo uma análise histórica da constituição do português brasileiro articulada ao processo econômico-social de formação do país, Viabilizando o ensino escolar acessível as variações linguísticas (sociais, regionais, sexo, gênero, faixa etárias) que qualquer língua viva possui, resgatando os valores das diferentes culturas, sobretudo, no que se refere à linguagem oral e escrita, pois dessa forma o preconceito linguístico será superado, todavia não se pretende excluir a norma culta ou a padrão, mas conscientizá-los que podem ser competente na língua portuguesa e reconhecerem os diversos usos da língua. Para alcançar os objetivos proposto pretendo realizar um conjunto de procedimentos metodológicos tais como: levantamento bibliográfico, diagnose da turma (diagnóstica e de intervenção pedagógica). Para a consolidação do estudo são previstos três momentos específicos de desenvolvimento da pesquisa.

No primeiro momento do estudo será aplicado um questionário semi-estruturado desenvolvido pelo pesquisador adjunto de entrevista com os participantes da pesquisa, no segundo serão realizadas rodas de conversa temáticas com os participantes, visando conferir suas experiências, dificuldades e descobertas com o projeto e a terceira e última etapa será a elaboração de um

caderno de atividades, com sugestões de tarefas a serem aplicadas nas aulas de língua portuguesa.

### **Desconfortos, riscos e benefícios**

Os riscos são mínimos, poderá haver constrangimento por parte dos participantes na hora de responder aos instrumentos de coleta de dados em virtude do receio de que sua identidade seja revelada publicamente. Mas o pesquisador irá explicar que não serão expostas identidade nenhuma na divulgação dos dados da pesquisa: a divulgação do nome só poderá ocorrer com a autorização do participante ou de seu responsável, no caso de menores de idade. Em relação a algum mal-estar causado por conta das questões propostas nos instrumentos de coleta, o participante poderá não responder a tal questionamento, assim como interromper ou desistir da participação a qualquer momento. No caso que ocorrer algum dano psicossocial decorrente da pesquisa, pois o tema preconceito é muito sensível, este pesquisador convidará a rede de assistência social da SEMED para acompanhar e prestar atendimento especializado com o intuito de amenizar os possíveis distúrbios emocionais se assim houver.

A proposta de pesquisa utilizará o método retrospectivo em que não se realizará nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos, aplicarei apenas questionários, rodas de conversa e elaboração de um caderno de atividades relacionados a pesquisa. Nesse sentido, os riscos muitas vezes são expressos na forma de desconforto, como: fadiga; cansaço; possibilidade de constrangimento ao responder o instrumento de coleta de dados ou até mesmo medo de não saber responder, não haverá possibilidade alguma de danos físicos aos participantes. Para amenizar os possíveis desconfortos elencados acima, toda coleta de dados através dos questionários, e elaboração de um caderno de atividades serão individuais resguardando a privacidade dos participantes e dos coletados, sendo que as rodas de conversa serão no formato de grupos, pois a temática em questão exigirá a participação de várias pessoas. As atividades propostas acontecerão na própria escola em sala climatizada, limpa e arejada, local propício aos trabalhos elencados, também será disponibilizado ao participante da pesquisa água, café, máscaras e álcool em gel. O presente estudo não tem finalidade de alterar as condições físicas ou mentais dos participantes, as atividades educacionais interventivas propostas não irão modificar a rotina escolar dos discentes, toda ação interventiva será observação participante em aulas normais.

Segundo o item XI, alínea f, da Resolução CNS 466/12 este pesquisador irá manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; o que trará garantia de privacidade e garantirá o direito do participante da pesquisa de manter o controle sobre suas escolhas e informações pessoais e de resguardar sua intimidade, e seus dados pessoais, sendo uma garantia de que essas escolhas de vida não sofrerão invasões indevidas, pelo controle público, estatal ou não estatal, e pela reprovção social, a partir das características ou dos resultados da pesquisa.

Destacamos também que, por ainda estarmos vivenciando um contexto pandêmico, há riscos de contágio pelo vírus da COVID 19 ou por outras viroses com incidência em nossa região, todos os cuidados serão prescritos e realizados como a utilização de máscaras álcool em gel e vacinação. A equipe seguirá os protocolos de saúde para que essa possível contaminação não ocorra. De todo modo, em caso de contágio, também seguindo as diretrizes da Resolução nº 466, a equipe de pesquisa dará todo apoio, orientação e destacamos também que, por ainda estarmos vivenciando um contexto pandêmico, há riscos de contágio pelo vírus da COVID 19



ou por outras viroses com incidência em nossa região, todos os cuidados serão prescritos e realizados como a utilização de máscaras. A equipe seguirá os protocolos de saúde para que essa possível contaminação não ocorra. De todo modo, em caso de contágio, também seguindo as diretrizes da Resolução nº 466, a equipe de pesquisa dará todo apoio, orientação e assistência aos participantes do estudo.

A luz do subitem 3.3, alínea d, da norma operacional 001/2013 – CNS/MS, os benefícios diretos que retornarão para os alunos participantes da pesquisa identificarão com facilidade a natureza variável da língua em suas mais distintas formas de realização, permitindo-os, como falantes nativos da língua portuguesa não só se comunicar fluentemente, mas também atuar linguisticamente, na resolução de problemas advindos da sociedade na qual está inserido. Aos demais participantes, professores, coordenadores, colaboradores e direção escolar, os benefícios são indiretos, eles assumirão uma nova postura teórica e prática sobre o preconceito linguístico e o ensino da língua portuguesa, concebendo a gramática como uma disciplina viva, em constante revisão e elaboração deixando de lado a velha prática repetidora e reprodutora de um dogma gramatical contraditório e incoerente. Já em termos de retorno social, soma-se o fato de a instituição localizar-se na periferia do município de Altamira-PA, o que lhe confere um vasto histórico de luta pelo reconhecimento e manutenção, o que reafirma a importância de se realizar intervenção em estudos linguísticos neste tipo de região. É importante destacar também que tal pesquisa, terá como produto final uma dissertação de mestrado, que será o ponto de incentivo para “novos pesquisadores” desenvolverem trabalhos acadêmicos que contribuirão para uma nova visão acerca da língua no que se refere ao preconceito linguístico, possibilitando assim uma forma de neutralizá-lo, mostrando que os fenômenos variáveis podem ser perfeitamente explicados. A relevância para a comunidade é que ela terá acesso aos procedimentos pesquisados, e será disponibilizado exemplares para consulta na escola local do estudo, e em outras escolas do município (estadual e municipal), bem como na secretaria municipal de educação, possibilitando, assim aos alunos, educadores, coordenadores, colaboradores e gestores acesso aos procedimentos interventivos e poderão propor ações efetivas na escola para erradicar o preconceito linguístico conscientizando a respeito da



diversidade, das variações linguísticas e do próprio funcionamento da linguagem em uso em nossa sociedade.

**Forma de acompanhamento e assistência**

Aos participantes será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. Você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso você apresente algum problema será encaminhado para tratamento adequado da seguinte maneira: o problema será encaminhado à gestão da instituição de ensino, comunicado aos responsáveis e as providências cabíveis serão tomadas.

**Garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo**

Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer tempo e aspecto que desejar, através dos meios citados acima. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sendo sua participação voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e todos os dados coletados servirão apenas para fins de pesquisa. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

**Custos da participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos**

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira.

Caso você, participante, sofra algum dano decorrente dessa pesquisa, o pesquisador garante indenizá-lo por todo e qualquer gasto ou prejuízo.

**Para participantes maiores de 18 anos:**

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_ estou de acordo em participar da pesquisa “**O PAPEL DA ESCOLA NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**”, de forma livre e espontânea, podendo retirar meu consentimento a qualquer momento. Tenho ciência que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um. Sendo assim,

- (  ) Aceito a participar  
 (  ) Não aceito a participar

Altamira-Pá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023

*Pedro Geraldo de Sousa Filho*

Assinatura do responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

## ANEXO A – Ofício de Apresentação e Solicitação de Pesquisa – UFOPA




**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Ao  
Diretor (a) da Escola Municipal de Ensino Fundamental  
Raimunda Rodrigues Mota em Altamira – Pará.  
Prezado Senhor (a), Cláudia Andrade da Silva.

O Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras da Universidade Federal do Oeste do Pará - Ufopa, acolhe o Projeto de Pesquisa: O papel da Escola no combate ao Preconceito Linguístico, desenvolvido pelo mestrando Pedro Geraldo de Sousa Filho, matrícula 2022100258, sob orientação da profa. Dra. Ediene Pena Ferreira.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o papel da Escola no combate ao Preconceito Linguístico, considerando a natureza variável da língua em suas mais distintas formas de realização, que permite ao falante nativo da língua portuguesa não só se comunicar fluentemente, mas também atuar linguisticamente, na resolução de problemas advindos da sociedade na qual está inserido.

Diante do exposto, solicitamos de V. Sa. autorização para que o discente Pedro Geraldo de Sousa Filho, mestrando do Curso de Profletras da turma 2022, realize a aplicação do projeto interventivo: "A Escola no combate ao Preconceito Linguístico" com o objetivo de desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa que auxiliem docentes e discentes a identificarem e enfrentarem o preconceito linguístico compreendendo as diversas variedades linguísticas existentes na Língua Portuguesa. Para atingirmos esses objetivos, utilizamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Educacional. Os procedimentos metodológicos estão ancorados na pesquisa de observação participante e na aplicação de questionários, palestras, rodas de conversas, elaboração de um caderno de atividades e leitura e debates de textos relacionados ao tema da pesquisa entre os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, diretor(a), professores e demais servidores que aceitarem participar do projeto, a fim de conhecermos suas atitudes linguísticas e a percepção sobre a variação inerente a todas as línguas.

Desde já, assumimos que todos os procedimentos éticos que garantam o respeito aos participantes e seu anonimato, serão devidamente cumpridos. Certos de contar com a vossa atenção e colaboração, antecipamos nossos agradecimentos.

Com meus melhores cumprimentos,

Prof. Zair Henrique Santos  
Coordenador do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional ? PROFLETRAS  
Portaria nº 112/2021- Reitoria de 27 de abril de 2021.

(Assinado digitalmente em 26/10/2022 15:29 )  
ZAIR HENRIQUE SANTOS  
COORDENADOR DE POS-GRADUACAO  
ICED (11.01.07)  
Matrícula: 1292601

*Cláudia Andrade da Silva*  
Diretora  
E.M.E.I.F. Raimunda Rodrigues Mota  
Port. nº 1852/2023-SEMED-ATM-PA

[https://sipac.ufopa.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento\\_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=629927](https://sipac.ufopa.edu.br/sipac/protocolo/documento/documento_visualizacao.jsf?imprimir=true&idDoc=629927)

1/2